



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL

YARA DE OLIVEIRA MARTINS

**COMUNICAÇÃO E GÊNERO NO SÉCULO XXI: UMA ANÁLISE DE REVISTAS
CIENTÍFICAS BRASILEIRAS (2000 - 2018)**

Brasília - DF

2/2018



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO

YARA DE OLIVEIRA MARTINS

**COMUNICAÇÃO E GÊNERO NO SÉCULO XXI: UMA ANÁLISE DE REVISTAS
CIENTÍFICAS BRASILEIRAS (2000 - 2018)**

Monografia apresentada à Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, como requisito para obtenção do grau de bacharel em Comunicação Social, com habilitação em Comunicação Organizacional.

Brasília - DF

2/2018

Banca Examinadora
Universidade de Brasília
Comunicação Organizacional

Professora Doutora Liziane Guazina
Orientadora

Professora Doutora Elen Geraldês
Membro da Banca

Professora Doutora Janara de Sousa
Membro da Banca

Professora Doutora Roberta Gregoli
Suplente da Banca

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Nilde Aparecida e Sebastião Martins, pelo incentivo ao estudo.

Às minhas irmãs Helen, Sara e Gabriela que sempre acreditaram no meu potencial e estiveram ao meu lado.

À Flávia Alvarenga, por todo seu incentivo e companheirismo. Seu apoio foi fundamental nessa reta final.

Descrevo-me como experimento de Darcy Ribeiro, comecei por um curso, passei por outro, e hoje termino em um diferente. Foi uma longa jornada de experiências multidisciplinares e construí muitas amizades. Agradeço a todos e todas que estiveram ao meu lado durante a trajetória acadêmica e de vida, alguns passaram muito rápido, outros permaneceram. Aos Colegas do Curso de Relações Internacionais, de Línguas Estrangeiras Aplicadas e de Comunicação Organizacional, muito obrigada por todas as aventuras de graduação, vocês foram fundamentais nessa caminhada. Aos meus professores e professoras, toda a minha admiração. Obrigada por transmitirem seus conhecimentos e experiências.

À todas as colegas do Grupo de Pesquisa Femivida, obrigada por todo conhecimento compartilhado. Em especial à Fernanda Mendes e à professora Ana Paula Martins.

À todas as colegas do Projeto Escola de App: Enfrentando a Violência Online Contra Meninas, obrigada por todo experimento, em especial às professoras Janara de Sousa e Luísa Montenegro por toda a dedicação e ajuda.

À minha orientadora Liziane Guazina, muito obrigada pelo apoio constante e por ter contribuído imensamente na construção desse trabalho, sua orientação foi essencial.

À professora Elen Gerales, muito obrigada por todo o apoio e contribuição neste trabalho.

À neo-fanfarra feminista Maluvidas, por me proporcionar momentos musicais incríveis durante a produção desse trabalho.

À todas as pessoas, que embora não citados nominalmente, contribuíram, direta ou indiretamente, para que eu pudesse concluir esse trabalho.

Por fim, à todas as pessoas, que mesmo desconhecidas para mim, contribuíram com o pagamento de seus impostos para a manutenção da Universidade Pública.

" Pensar a Comunicação numa perspectiva de Gênero é fundamental para a garantia do direito humano à comunicação e para avançar na igualdade entre os gêneros. "

Cynthia Miranda, 2017.

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo analisar abordagem temática de Gênero nas produções científicas brasileiras na área da Comunicação. Para isso, utilizou-se a metodologia Estado da Arte. Foi realizado levantamento bibliográfico e análise da produção acadêmica sobre Comunicação e Gênero em três das mais importantes revistas científicas brasileiras da área: Revista da *Intercom*, *E-Compós* e *Brazilian Journalism Research*, no período de janeiro de 2000 a dezembro de 2018. Foram analisados os títulos, as palavras-chaves e resumos de 1.327 artigos publicados no período delimitado da pesquisa. Destes, foram identificados apenas 58 (4,37%) artigos relacionados ao tema de Gênero. Por meio do próprio processo de levantamento da bibliografia, foram criadas quatro categorias de análise: 1) Comunicação e relações de Gênero, 2) Mídia Impressa e relações de Gênero; 3) Mídia Audiovisual e relações de Gênero e 4) Mídia Alternativa e relações de Gênero. A partir da discussão realizada infere-se a relevância dos estudos de Gênero para a produção de conhecimento no campo da Comunicação. Conclui-se que mesmo com a notória ascensão da temática de Comunicação e relações de Gênero nos últimos anos, as publicações de artigos científicos nas revistas científicas brasileiras ainda são incipientes. Aponta-se a necessidade da área de Comunicação consolidar este Campo de Pesquisa no Brasil, repensando suas práticas e principalmente se comprometendo com uma comunicação humanizada e inclusiva em defesa dos direitos humanos, com ênfase nos direitos das mulheres.

Palavras-chave: Comunicação e Gênero; Feminismos; Pesquisa Acadêmica; Revistas Científicas; Estado da arte.

ABSTRACT

This work aims to analyze the thematic approach of gender in the Brazilian scientific productions in the area of Communication. For this, the State of Art methodology was used. A bibliographic survey and analysis of the academic production on Communication and Gender was carried out in three of the most important Brazilian scientific journals of the area: *Intercom*, *E-Compós* and *Brazilian Journalism Research*, from January 2000 to December 2018. We analyzed the titles, keywords and abstracts of 1,327 articles published in the delimited period of the research, of these were identified only 58 (4.37%) articles related to the theme of Gender. Through the process of collecting the bibliography, four categories of analysis were created: 1) Communication and Gender Relations; 2) Printed Media and Gender Relations; 3) Audiovisual Media and Gender Relations; and 4) Alternative Media and Gender Relationships. From the discussion carried out, it is inferred the relevance of the studies of Gender for the production of knowledge in the field of Communication. It is concluded that even with the notorious rise of the topic of Communication and Gender relations in recent years, the publications of scientific articles in Brazilian scientific journals are still incipient. It is pointed out the need of the Communication area to consolidate this Field of Research in Brazil, rethinking its practices and mainly committing itself to a humanized and inclusive communication in defense of human rights, with emphasis on the rights of women.

Keywords: Communication and Gender; Feminisms; Academic research; Scientific magazines; State of art.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 DISTRIBUIÇÃO DE AUTORES E PUBLICAÇÕES COM TEMÁTICAS DE RELAÇÕES DE GÊNERO NAS REVISTAS INTERCOM, E-COMPÓS E JBR (2000 A 2018).....	33
--	----

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 PERCENTUAL DE ARTIGOS PUBLICADOS SEGUNDO TEMÁTICA DE GÊNERO: INTERCOM, E-COMPÓS E JBR.	28
GRÁFICO 2 NÚMERO DE PUBLICAÇÕES COM A TEMÁTICA DE RELAÇÕES DE GÊNERO SEGUNDO REVISTA POR ANO DE PUBLICAÇÃO.	31
GRÁFICO 3 PROPORÇÃO DE AUTORES SEGUNDO SEXO POR REVISTA.	32
GRÁFICO 4 DISTRIBUIÇÃO EM PORCENTAGEM DAS CATEGORIAS DE ANÁLISE ABORDADAS NOS ARTIGOS COM A TEMÁTICA DE GÊNERO.....	36
GRÁFICO 5 DISTRIBUIÇÃO EM PORCENTAGEM DAS CATEGORIAS DE ANÁLISE ABORDADAS NOS ARTIGOS COM A TEMÁTICA EM GÊNERO POR REVISTAS.....	37
GRÁFICO 6 MÉTODOS ABORDADOS NOS ARTIGOS CLASSIFICADOS COM A TEMÁTICA MÍDIA IMPRESSA E RELAÇÕES DE GÊNERO POR REVISTA.....	40
GRÁFICO 7 MÉTODOS ABORDADOS NOS ARTIGOS CLASSIFICADOS COM A TEMÁTICA AUDIOVISUAL E RELAÇÕES DE GÊNERO POR REVISTA.....	48
GRÁFICO 8 MÉTODOS ABORDADOS NOS ARTIGOS CLASSIFICADOS COM A TEMÁTICA MÍDIA ALTERNATIVA E RELAÇÕES DE GÊNERO POR REVISTA.....	54
GRÁFICO 9 MÉTODOS ABORDADOS NOS ARTIGOS CLASSIFICADOS COM A TEMÁTICA COMUNICAÇÃO E RELAÇÕES DE GÊNERO POR REVISTA.....	60

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 CATEGORIAS DE ANÁLISE.....	26
QUADRO 2 RANKING DE PUBLICAÇÕES DE ARTIGOS POR UNIDADES FEDERATIVAS, AUTORIAS E UNIVERSIDADES.	35
QUADRO 3 TEMÁTICA, O MÉTODO, OBJETIVO E PRINCIPAIS RESULTADOS DOS TRABALHOS CLASSIFICADOS COMO MÍDIA IMPRESSA E RELAÇÕES DE GÊNERO.....	43
QUADRO 4 TEMÁTICA, MÉTODO, OBJETIVO E PRINCIPAIS RESULTADOS DOS TRABALHOS CLASSIFICADOS COMO MÍDIA AUDIOVISUAL E RELAÇÕES DE GÊNERO.....	49
QUADRO 5 TEMÁTICA, MÉTODO, OBJETIVO E PRINCIPAIS RESULTADOS DOS TRABALHOS CLASSIFICADOS COMO MÍDIA ALTERNATIVA E RELAÇÕES DE GÊNERO.....	55
QUADRO 6 TEMÁTICA, O MÉTODO, OBJETIVO E PRINCIPAIS RESULTADOS DOS TRABALHOS CLASSIFICADOS COMO COMUNICAÇÃO E RELAÇÕES DE GÊNERO.	61

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 NÚMERO DE REVISTAS E ARTIGOS ANALISADOS POR REVISTAS E ANO DE PUBLICAÇÃO.....	29
TABELA 2 NÚMERO DE REVISTAS E ARTIGOS ANALISADOS POR REVISTAS E ANO DE PUBLICAÇÃO	30
TABELA 3 RANKING DAS DEZ PRIMEIRAS INSTITUIÇÕES POR AUTORES.....	34

Sumário

1. INTRODUÇÃO	13
2. HISTÓRICO DAS REVISTAS	20
3. METODOLOGIA	24
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO	27
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	64
6. REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA	66

1. INTRODUÇÃO

Em agosto de 2017, entrei para o Grupo de Trabalho Femivida, vinculado ao Núcleo de Estudos e de Pesquisas sobre as Mulheres da Universidade de Brasília - NEPEM/UnB e tive um maior contato com estudos de Gênero relacionados a mídia. Como pesquisadora, pude me aprofundar no tema, o que me proporcionou uma vivência multidisciplinar e enriquecedora. Em 2018, tive a oportunidade de apresentar parte dos dados de nossas pesquisas na *International Conference on Sexual Harassment and Sexual Violence: Victims, perpetrators and bystanders* em Portugal, o que me motivou bastante.

Meses depois, em outubro de 2017, ingressei no Projeto Escola de App: Enfrentando a Violência Online Contra Meninas, desenvolvido no âmbito do Grupo de Pesquisa Internet e Direitos Humanos, que integra o Laboratório de Políticas de Comunicação - Lapcom - da Faculdade de Comunicação da UnB. Com o projeto, pude pesquisar mais sobre a temática e tive a oportunidade de participar do livro *Internet e Direitos Humanos: cenários e perspectivas*, publicado pela Editora FAC Livros em 2019, com o capítulo intitulado: A Violência de Gênero no Mundo Real e Espaço Virtual de Adolescentes.

Por meio de ambas pesquisas, aprofundei meus conhecimentos sobre a relação entre Comunicação e relações de Gênero, o que me serviu de inspiração para realização deste Trabalho de Conclusão de Curso.

Sabe-se que nas últimas décadas houve um movimento de ampliação de cursos, programas, seminários e encontros na área da Comunicação em seus diferentes aportes. Além disso, é possível observar um interesse, cada vez mais frequente, em pesquisas em Comunicação envolvendo pautas de direitos das mulheres e suas diversidades. Atualmente, podemos encontrar dissertações, teses, artigos, estudos publicados em revistas científicas da área, apresentados em congressos nacionais e internacionais, e estudos e publicações sobre os aspectos que envolvem Comunicação e relações de Gênero.

Algumas revistas científicas com a temática de Comunicação e Gênero foram criadas nas últimas décadas como a revista americana *Women's Studies in Communication*¹, a revista argentina

¹ Revista *Women's Studies in Communication*: <http://www.orwac.org/aws/ORWAC/pt/sp/journal>

*Con X*² e as revistas espanholas *GenderCom*³ e *Comunicación y género*⁴. O surgimento dessas revistas evidencia a relevância dada ao tema e a urgência de novas pesquisas na área.

Os meios de comunicação desempenham um papel essencial na sociedade, de não apenas informar, mas também manter sua responsabilidade social perante a sociedade. Segundo Miranda (2017, p. 357), “a comunicação é o principal direito humano porque é através dele que acessamos os demais direitos. Assumir a comunicação como um direito humano significa reconhecer o direito de expressão e enunciação que todas as cidadãs e cidadãos devem ter”. Neste sentido, aponta Miranda (idem, p. 357), pensar a comunicação numa perspectiva de gênero “é fundamental para a garantia do direito humano à comunicação e para avançar na igualdade entre os gêneros”.

Por isso, é importante reconhecer que muitas produções midiáticas são criticadas por movimentos e estudos feministas, que apontam, por exemplo, a culpabilização da vítima em casos de coberturas jornalísticas sobre violências contra as mulheres ou a naturalização das hierarquias de gênero. Esta produção midiática já não fala às mulheres, não as representa. De acordo com Barboza e Varão (2018), uma mídia feminista constrói suas pautas, e agenda seus temas, enquadrando-os na experiência das mulheres. Assim, a participação política, a militância, as tecnologias contraceptivas, as políticas de parentalidade, a objetificação, o *gender gap* e o telhado de vidro expõem novos desafios para as produções midiáticas.

O campo de estudo interdisciplinar de Gênero seguiu os diferentes períodos dos movimentos feministas no Brasil. Segundo Martinez (2016), os estudos feministas tiveram maior relevância quando mulheres da academia, ou envolvidas em movimentos feministas, passaram a refletir sobre temas dos próprios movimentos e as ciências nas quais foram educadas e com as quais trabalhavam: Comunicação, História, Antropologia, Letras, Sociologia, Psicologia, Ciências da Saúde, Políticas, Jurídicas, as Engenharias e afins.

Nas últimas décadas, a academia tem-se mostrado ativa no processo de compreender e cooperar com novas perspectivas na abordagem desta temática. Estudos de Gênero em múltiplas áreas disciplinares são encontradas em várias Universidades do País. Em parceria com a academia estão os movimentos sociais, assim promovendo uma maior integração entre a sociedade civil em

² Revista *Con X* : <https://perio.unlp.edu.ar/ojs/index.php/conequis/about>

³ Revista *GenderCom*: <https://editorial.us.es/es/revistas/gendercom-revista-internacional-de-genero-y-comunicacion>

⁴ Revista *Comunicación y género*: <https://revistas.ucm.es/index.php/CGEN/issue/current>

geral, os movimentos sociais e cientistas. Para melhor compreensão dos momentos das lutas de cada época, os estudos feministas utilizam a metáfora das ondas, para significar os movimentos de mulheres lutando por cidadania e igualdade de direitos em relação aos homens.

As lutas feministas são historicamente marcadas por uma pluralidade de objetivos e formatos de resistência. Segundo Matos (2014), os estudos e as teorias feministas têm uma maior incidência nos países do Sul global e em especial na América Latina e Caribe. A autora diz que as ondas feministas, na América Latina e no Brasil, são divididas em quatro gerações ou ondas, que ocorreram de acordo com as lutas de cada época.

Em meados do século XIX, a primeira onda do feminismo⁵ inicia-se. A luta feminista da época é liderada por mulheres brancas e de classe alta da sociedade. Chamadas de sufragistas, elas acompanham a tendência europeia e lutam pelo direito do sufrágio universal, pela escolarização e profissionalização das mulheres, pelos direitos civis e políticos, além da luta contra os casamentos arranjados e contra a posse das mulheres e filhos pelos maridos.

Já no século XX, a segunda onda inicia em meados da década de 1960. Essa tem como característica a luta pelos direitos sociais e culturais, um período de grande atividade e inovação. Nessa época, começam-se os estudos de mulheres e feministas, solicita-se a criação de leis que garantam a cidadania e a individualidade, reivindicam-se empregos, salários iguais, pela liberdade do corpo, pela legalização do aborto e por métodos contraceptivos eficazes.

De acordo com Martinez (2016), apud Heilborne e Sorj (1999), os chamados *women's studies* surgem no final da década de 1960 nos EUA, a partir de protestos nas universidades, impulsionados por movimentos feministas. No mesmo período o Brasil encontrava-se em regime ditatorial, o que levou acadêmicas se empenharem com a pesquisa social, buscando articular-se com e dentro da própria academia. Nessa época, o feminismo mais moderado tinha como causa o fim da ditadura militar.

Ainda segundo Martinez (2016), foi este o momento do desenvolvimento de uma imprensa feminista no país com a publicação de importantes periódicos: os jornais Mulherio, Brasil Mulher, Nós Mulheres. Sobre a construção do campo de estudos de Gênero no Brasil, Martinez diz que a

⁵ Considera-se que neste trabalho “feminismo” é um conjunto de modos de ver e mover-se para resistir e modificar o poder patriarcal (DINIZ, 2015).

relação entre academia e o feminismo ganha força na década de 1970, estimulada por reivindicações feministas de igualdade.

De acordo com Veleda (2000), em 1975 a ONU declarou o início da Década da Mulher e no Brasil os grupos feministas empenhados em lutar pela igualdade das mulheres e pela anistia se fortalecem. Além disso, houve um crescimento significativo da participação feminina no mercado de trabalho brasileiro.⁶

A partir da década de 1980, surge a chamada terceira onda, momento em que vários protestos são realizados em busca de igualdades legais, políticas e socioeconômicas. Nesse período, surgem os estudos de Gênero⁷, a produção de trabalhos sobre as mulheres nas universidades e centros de pesquisa, e a luta anti-estados militarizados. Além disso, nessa época, questionamentos são levantados acerca do próprio movimento, que era elitista e segregado, o que resulta em ampliação das vertentes do feminismo com recortes de classe e gênero, assim passam a existir as interseccionalidades do feminismo.

Segundo Matos (2014), no século XXI, em meados dos anos 2000, surge a quarta onda do feminismo, com alargamento e aprofundamento da concepção de direitos humanos, destacando-se a nova forma teórica, transversal e interseccional, de compreensão dos fenômenos de raça, gênero, sexualidade, classe e geração. Além disso, com a globalização, como um processo descentrado e reflexivo, e as redes globais de interação, nasce uma ampliação da base das mobilizações sociais e políticas, sobretudo dentro de um novo enquadramento global.

Em concordância com os conceitos de Capitalismo Patriarcal Racista (GONZALEZ, 1988 apud REIS; COSTA, 2018) e de Interseccionalidade (CRENSHAW, 2002 apud REIS; COSTA, 2018), Lugones (2008) propõe o conceito de Sistema de Gênero moderno colonial para refletir que as identidades e vivências de gênero não podem ser observadas de modo isolado, pela perspectiva eurocêntrica. Diante disso, elas precisam ser descolonizadas, racializadas e contextualizadas.

Na mesma perspectiva, Diniz (2015) afirma que, diante das lutas feministas, o sentido de interseccionalidade é quando importa a classe, origem, geração, cultura, deficiência, cor. Mulheres,

⁶ A inserção da mulher no mercado de trabalho no Brasil
<http://www.cch.ufv.br/revista/pdfs/vol16/artigo3dvol16-1.pdf>

⁷ Entende-se que neste trabalho “gênero” são as normas sociais ou culturais que ditam como a feminilidade e a masculinidade são construídas. O gênero não é algo que dependa da biologia, é algo culturalmente e historicamente construído (CHANTER, 2006).

no plural, foi uma das tentativas de exibir as diferenças, porém insuficiente para descrever particularidades na multidão. A autora ainda afirma que:

A interseccionalidade foi rica, mas perturbadora. Desafiou vozes, autorias e assinaturas sobre o feminismo, estremeceu consensos políticos importantes para fazer frente ao patriarcado. Algumas chamaram isso de feminismo pós-moderno, outras despreocuparam-se de títulos, deixaram-se provocar pelas singularidades da existência de cada grupo de mulheres (DINIZ, 2015, p. 47-60).

Nesse sentido, Velela (2016) afirma que os movimentos de mulheres no Brasil são heterogêneos e não possuem uma linearidade. As formas de ação e os objetivos dos movimentos variam conforme o país, a região, a classe e raça dos sujeitos atuantes.

Sobre o movimento feminista no Brasil, segundo o verbete do CPDOC-FGV⁸, na segunda metade do século XIX, uma série de jornais foram editados por mulheres reivindicando a questão da emancipação feminina e acesso à educação. Durante todo o século XX, a participação das mulheres na luta por direitos foi intensa e uma série de jornais e revistas feministas foram registrados neste período. Esse foi um momento enriquecedor da história do feminismo no Brasil. Mulheres, muitas profissionais da comunicação, criaram publicações periódicas que contribuíram para difundir o ideário feminista.

Cabe lembrar que, historicamente, a profissão de jornalista foi construída majoritariamente por homens brancos e de classe média, o que inegavelmente se refletiu nos produtos e veículos por eles criados que acabavam reproduzindo seu entorno social. De acordo com Allan (2014), mesmo com o aumento no número de mulheres jornalistas, os homens brancos da classe média continuam ocupando a grande maioria das posições de poder em todo o setor.

O relatório *Global Report on the status of women in the news media*, publicado pela *International Women's Media Foundation*, diz que no âmbito internacional, apenas 33,3% das 522 empresas analisadas incluíam mulheres jornalistas. (BYERLY, 2011 apud GUAZINA et al, 2018).

No decorrer das últimas décadas, no entanto, as lutas feministas têm conquistado avanços, não apenas nos movimentos sociais, mas também no espaço acadêmico. Questões da agenda feminista estão sendo cada vez mais utilizadas no cotidiano da sociedade e são frequentemente

⁸ CPDOC-FGV <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbetes-tematicos/movimento-feminista>

discutidas pelos meios de comunicação em massa. Por consequência, essa visibilidade da temática desperta em mulheres, de todo o mundo, o interesse de estudar, pesquisar, analisar e entender melhor sobre a posição das Mulheres na sociedade. Nesse sentido, Gray (1997) afirma:

A pesquisa feminista não é só aquela feita por mulheres, com mulheres, para mulheres, mas uma metodologia, um modo de pesquisa desenvolvido através de uma política e uma prática onde o político, o teórico e o epistemológico têm sido pensados juntos para entender, analisar, explicar e criticar a posição da Mulher na sociedade. (ANN GRAY, 1997, p. 98)

Em face destas razões, este Trabalho de Conclusão de Curso pretende mapear as tendências das pesquisas sobre relações de Gênero em revistas científicas da área de Comunicação entre os anos de 2000 a 2018 no Brasil.

Inspirada em Escosteguy e Messa (2006), temos como objetivo geral fazer um levantamento bibliográfico e analisar a produção acadêmica sobre Comunicação e Gênero em três das mais importantes revistas científicas brasileiras: Revista da *Intercom*, *E-Compós* e *Brazilian Journalism Research*. As categorias escolhidas para a análise foram organizadas partir do próprio processo de levantamento da bibliografia, conforme a seguir: 1) Comunicação e relações de Gênero, 2) Mídia Impressa e relações de Gênero; 3) Mídia Audiovisual e relações de Gênero e 4) Mídia Alternativa e relações de Gênero. O recorte temporal da pesquisa foi definido entre janeiro de 2000 a dezembro de 2018. Este recorte justifica-se, pois, as revistas *E-Compós* e *Brazilian Journalism Research* foram criadas no início dos anos 2000, assim marcando o início do século XXI.

Os objetivos específicos da pesquisa são: 1) Observar a presença e abordagem da temática de relações de Gênero na produção acadêmica da área de Comunicação; 2) Verificar contribuições e pertinência da temática para estas publicações; 3) Comparar as abordagens das três revistas científicas brasileiras em relação ao tema; 4) Verificar autorias e universidades com mais publicações sobre relações de Gênero nas três revistas.

Para a realização do trabalho, a metodologia utilizada foi a de Estado da arte, tendo em vista que os procedimentos de coleta e análise dos artigos compatibilizam as técnicas quantitativas e qualitativas no desenho de pesquisa. Portanto, combina-se o método de sistematização e análise de bibliografia. Esta pesquisa é resultado de um estudo teórico-descritivo, fundamentado em pesquisa

bibliográfica de livros, anais de congressos acadêmicos, bases de dados digitais de teses e dissertações, além da realização de coleta e sistematização dos artigos das três revistas científicas para organização do banco de dados.

Ademais, foi necessário reunir e explorar conceitos que abordam meios de comunicação em sua relação com os aportes das teorias feministas. Com a finalidade de melhor entendimento do assunto, o trabalho foi dividido nos seguintes capítulos: no primeiro, apresentamos um histórico sobre as três revistas científicas escolhidas; no segundo, apresentamos a metodologia utilizada; em seguida, os resultados e discussão; por último, as Considerações Finais.

2. HISTÓRICO DAS REVISTAS

Revistas científicas apresentam informações e resultados de pesquisas decorrentes, em geral, de processos de pesquisa. Acompanhá-las é ter, em primeira mão, informações completas e confiáveis sobre o desenvolvimento de um campo de conhecimento científico. Tão importante quanto a geração do conhecimento é a divulgação destas informações, utilizando meios de comunicação abrangentes e eficientes, a fim de levar o conhecimento científico não somente para estudiosos, mas também para a população em geral.

Para este estudo, foram escolhidas revistas científicas brasileiras com notória credibilidade e reconhecimento no campo da Comunicação. Justifica-se a escolha das revistas: *Intercom*, *E-Compós* e *Brazilian Journalism Research*, por estarem entre as mais importantes no cenário brasileiro de publicações acadêmicas e devido a suas classificações do Qualis/CAPES. Além disso, minha trajetória acadêmica e experiência com pesquisas influenciaram na escolha das revistas.

I. *Intercom*

A *Revista Científica Brasileira de Ciências da Comunicação - Intercom*⁹ - foi criada em 1978, como periódico científico e denominado Boletim *Intercom*. Em 1984 passou a ser editado no formato que existe atualmente sob a denominação Revista Brasileira de Ciências da Comunicação. A revista é classificada como Qualis A2 pela CAPES¹⁰, na área de Comunicação e Informação.

É o periódico mais antigo ainda em circulação da área da Comunicação no Brasil e possui ampla aceitação no País e no exterior. A publicação mais antiga disponível no site da revista é a de n. 23 (1980). A revista proporciona o livre acesso dos artigos em sua plataforma online, gerando um maior intercâmbio global de conhecimento.

A *Intercom* é uma publicação quadrimestral da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (INTERCOM). A missão da revista é contribuir para a difusão

⁹ Revista Intercom <http://portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/revistaintercom>

¹⁰ Qualis CAPES

<https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/veiculoPublicacaoQualis/listaConsultaGeralPeriodicos.jsf>

do conhecimento científico e a reflexão pluralista sobre Comunicação. Seu foco de interesse é a Comunicação Social, respeitando a interdisciplinaridade e a abrangência das temáticas características da área do conhecimento.

Seu conteúdo privilegia a publicação de artigos científicos recebendo textos submetidos em fluxo contínuo. Além disso, foi o primeiro periódico específico do campo da Comunicação a ser indexado pela *Scielo* em 2011. A revista usa o *Open Journal Systems* (OJS 2.4.8.1), sistema de código livre gratuito para a administração e a publicação de revistas, desenvolvido com suporte e distribuição pelo *Public Knowledge Project* sob a licença GNU General Public License.

Para a submissão da revista, os artigos devem ser acompanhados de resumo contendo o tema, os objetivos, metodologia e a principal conclusão do trabalho. A responsabilidade editorial da revista é da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação¹¹ e suas agências de fomento são o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

II. *E-Compós*

A *Revista Científica E-Compós* foi criada em 2004 pela Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação – Compós e tem como objetivo difundir a produção acadêmica de pesquisadores da área de comunicação, inseridos em instituições do Brasil e do exterior¹². A *E-Compós* é aberta a professores, mestres, doutores e pesquisadores de Comunicação e áreas correlatas. A *E-Compós* é classificada como Qualis A2 pela CAPES, na área de Comunicação e Informação.

Com o formato eletrônico e periodicidade quadrimestral, a revista proporciona um espaço para o debate teórico acerca de áreas de comunicação. A *E-Compós* possui acesso livre ao seu conteúdo, disponibilizando gratuitamente o conhecimento científico ao público proporcionando maior democratização mundial do conhecimento.

¹¹ Intercom: <http://www.portalintercom.org.br/>

¹² E-compós: <http://www.e-compos.org.br/e-compos>; Compós: <http://www.compos.org.br/>

A revista utiliza o sistema LOCKSS para criar um sistema de arquivo distribuído entre as bibliotecas participantes e permite às mesmas criar arquivos permanentes da revista para a preservação e restauração. A Revista tem todas as suas edições disponíveis on-line na Internet e sua primeira publicação é a de v. 1 (2004).

Para submeter artigos na *E-Compós* o trabalho deve apresentar o tema geral e problema da pesquisa; objetivos e/ou hipóteses; metodologia utilizada, destacando o objeto de estudo; os principais resultados e conclusões. A editora da revista é a Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação – Compós e sua agência de fomento é a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

III. *Brazilian Journalism Research*

A revista científica *Brazilian Journalism Research* foi lançada em 2005 pela Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor), com periodicidade bi-anual. A revista tem todos os seus artigos disponíveis em sua plataforma, garantindo um maior intercâmbio de conhecimento.¹³ A *JBR* é classificada como Qualis B1 pela CAPES, na área de Comunicação e Informação.

A revista tem como objetivo apresentar resultados de pesquisas e estimular debates sobre questões teórico-metodológicas da pesquisa em jornalismo, assim como contribuir para a criação e fortalecimento de redes de pesquisadores em jornalismo em nível nacional e internacional.

A *JBR* é bilíngue, e desde seu início faz publicações em Inglês e Português, o que contribui com a internacionalização da pesquisa brasileira. Desde 2013 a revista começou a publicar textos em Espanhol, juntamente com a edição em Português do periódico.

A partir de 2017 a BJR tornou-se quadrimestral, passando a publicar três edições por ano nos meses de abril, agosto e dezembro.

A revista usa o *Open Journal Systems* (OJS 2.4.8.3), sistema de código livre gratuito para a administração e a publicação de revistas, desenvolvido com suporte e distribuição pelo *Public Knowledge Project* sob a licença GNU General Public License.

¹³ Revista *Brazilian Journalism Research* <https://bjr.sbpjor.org.br/bjr>

Para a submissão da *JBR*, os artigos devem ser acompanhados do tema, os objetivos, metodologia e a principal conclusão. A revista é editada pela Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor) e suas agências de fomento são o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

3. METODOLOGIA

Este estudo consistiu em um levantamento do estado da arte da Comunicação sob uma perspectiva de Gênero, a partir da coleta e sistematização das publicações em três revistas científicas de referência. Os procedimentos de coleta e análise dos artigos compatibilizaram as técnicas quantitativas e qualitativas no desenho de pesquisa. Portanto, combinou-se o método de sistematização e análise de bibliografia.

Segundo Romanowski e Ens (2006), as pesquisas são denominadas de estado da arte quando abrangem toda uma área do conhecimento, nos diferentes aspectos que geraram produções. Corroborando este pensamento, Ferreira (2002) afirma que:

As pesquisas denominadas de “estado da arte” ou “estado do conhecimento” trazem em comum o desafio de mapear e de discutir certa produção acadêmica, buscando responder que aspectos e dimensões vêm sendo destacados e privilegiados em diferentes épocas e lugares. Essas pesquisas são definidas como de caráter bibliográfico e apresentam como característica metodológica um caráter inventariante e descritivo da produção acadêmica e científica sobre o tema que busca investigar, à luz de categorias e facetas que se caracterizam enquanto tais em cada trabalho e no conjunto deles, sob os quais o fenômeno passa a ser analisado. (FERREIRA, 2002, p. 258)

Ferreira (2002) expõe que ao se tratar de fontes de pesquisa com catálogos, dados bibliográficos e resumos dos trabalhos acadêmicos, para uma organização plausível da produção de uma certa área do conhecimento, para a pesquisa do estado da arte existe dois momentos distintos. No primeiro momento, mapeia-se a produção num período delimitado, em anos, locais, áreas de produção. O segundo momento deve-se refletir sobre tendências, ênfases, escolhas metodológicas e teóricas, aproximando ou distinguindo trabalhos entre si, na escrita de uma história de uma determinada área do conhecimento. Aqui, deve-se refletir o “quando”, “onde” e “quem” produz as pesquisas.

A fim de empreender o mapeamento do estado da arte da Comunicação sobre a temática de Gênero e observar a presença e abordagem das relações de Gênero na produção acadêmica da área, foram utilizadas como fonte de coleta de dados três das mais importantes revistas científicas brasileiras: *Intercom*, *E-Compós* e *Brazilian Journalism Research*. O período delineado para

compor a pesquisa foi de 2000 a 2018, e todo o material foi coletado diretamente do site das três revistas.

No primeiro momento, foram coletados apenas os artigos, dossiês e edições especiais das revistas, assim, desconsiderando as resenhas e entrevistas. Após o levantamento, as informações contidas nos artigos foram, respectivamente, organizadas em planilhas de Excel, contendo as seguintes informações: 1) Nome da revista, 2) ano, 3) volume, 4) título, 5) palavras-chaves e 6) resumo.

No processo de busca, foram analisados os títulos, as palavras-chaves e resumos de todos os 1.327 artigos publicados no período delimitado da pesquisa. Para o processo de seleção de artigos, foram utilizadas as seguintes palavras-chaves: 1) mulheres, 2) mujer, 3) women, 4) girl, 5) meninas, 6) gênero, 7) feminino, 8) feminina, 9) feminismos. Foi feita uma busca minuciosa, artigo por artigo, além disso, ao final, foi utilizado o filtro de busca do site com as palavras-chaves escolhidas.

Em um segundo momento, depois da seleção dos artigos, foi coletado as seguintes informações complementares: 1) Unidade da Federação, 2) nome dos/as autores/as, 3) instituições dos/as autores/as, 4) Metodologia utilizada, 5) objetivos, 6) principais resultados, 7) categoria temática, definida na pesquisa, e 8) link do artigo. Dessa forma, foi possível comparar as abordagens das três revistas científicas brasileiras em relação ao tema, verificar autorias e universidades com mais publicações e descrever as contribuições e a pertinência da temática para a área a partir da observação das publicações escolhidas.

Em seguida, procedeu-se a categorização do material tendo como base o mapeamento do artigo “Os estudos de gênero na pesquisa em Comunicação no Brasil¹⁴”, de Escosteguy e Messa (2006). As categorias escolhidas para a análise foram organizadas partir do próprio processo de levantamento da bibliografia, conforme a seguir: 1) Comunicação e relações de Gênero, 2) Mídia Impressa e relações de Gênero; 3) Mídia Audiovisual e relações de Gênero e 4) Mídia Alternativa e relações de Gênero.

Os artigos que não se enquadraram na classificação de mídia impressa, audiovisual ou alternativa, foram catalogadas na categoria geral Comunicação. Nesta categoria foram

¹⁴ Os estudos de gênero na pesquisa em comunicação no Brasil
<https://portalseer.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/view/3490>

classificados fotografia, música, tecnologias de informação e comunicação (TICs), mercado de trabalho jornalístico e entrevistas/questionários/grupos de discussão.

No Quadro 2, abaixo, é possível observar as categorias de análises temáticas e os subtemas agrupados em cada uma.

Quadro 1 Categorias de análise

Categorias	Meios de Comunicação
1. Comunicação e relações de gênero	Fotografia, música, TICs, mercado de trabalho jornalístico, sem informação e entrevistas/questionários/grupos de discussão.
2. Mídia Impressa e relações de gênero	Livros; revistas; jornais; imagens midiáticas e HQs.
3 Mídia Audiovisual e relações de gênero	Cinema; vídeo e televisão; telenovela; comercial.
4. Mídia Alternativa e relações de gênero	Blog; sites; Internet e redes sociais

Fonte: Categorias de análise escolhidas (Elaboração própria)

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram observadas, no total, 99 edições de revistas e 1.327 publicações de artigos referentes ao período de 2000 a 2018. Desse total, 31 edições e 400 artigos foram publicados na *Revista da Intercom*, 36 edições e 565 artigos foram publicados na *E-Compós* e 32 edições e 362 artigos foram publicados na *JBR*. Identificamos ainda que as publicações da *E-Compós* se iniciaram no ano de 2004 e da *JBR* em 2005 (Tabela 1).

Entretanto, a *E-Compós* apresentou mais publicações em relação as outras, em especial a *Intercom*, mesmo que esta seja a mais antiga, com publicações desde o ano 2000, período deste estudo. Esse achado, em nossa percepção, corrobora com a avaliação do Qualis/CAPES em que a revista *E-Compós* se encontra atualmente, demonstrando sua potencialidade em publicar com qualidade e quantidade.

Quanto a avaliação da presença da temática de Gênero nas três revistas ao longo do período analisado, verificou-se que do total de 1.327 artigos apenas 4,37% (58) abordavam a temática de relações gênero (Tabela 2). As três revistas abordaram essa temática proporcionalmente de maneira similar, sendo que a *Intercom* abordou a temática em 3,75% (15) das suas publicações, a *E-compós* 4,78% (27) e *JBR* 4,43% (16) das suas respectivas publicações. Essa evidência sugere que a publicação de artigos científicos com a temática de Comunicação e relações de Gênero nas revistas científicas brasileiras ainda é incipiente (Gráfico 1 e Tabela 1).

Este resultado condiz com estudos feitos¹⁵ por Joana Gallego, professora e coordenadora do Programa de Mestrado em Gênero e Comunicação na Universidade Autônoma de Barcelona¹⁶. Segundo Gallego Joana (2003), os estudos sobre comunicação e gênero tiveram um notável crescimento nos últimos anos, não obstante ainda é uma área que precisa se consolidar. Existem poucos grupos de pesquisa, poucas publicações especializadas, congressos, seminários, simpósios e fontes de financiamento para este campo de pesquisa.

A autora diz que a Espanha, de forma geral, é o País da Europa e América do Norte com mais lacunas na área. Na Espanha as linhas de pesquisa sobre comunicação e gênero praticamente

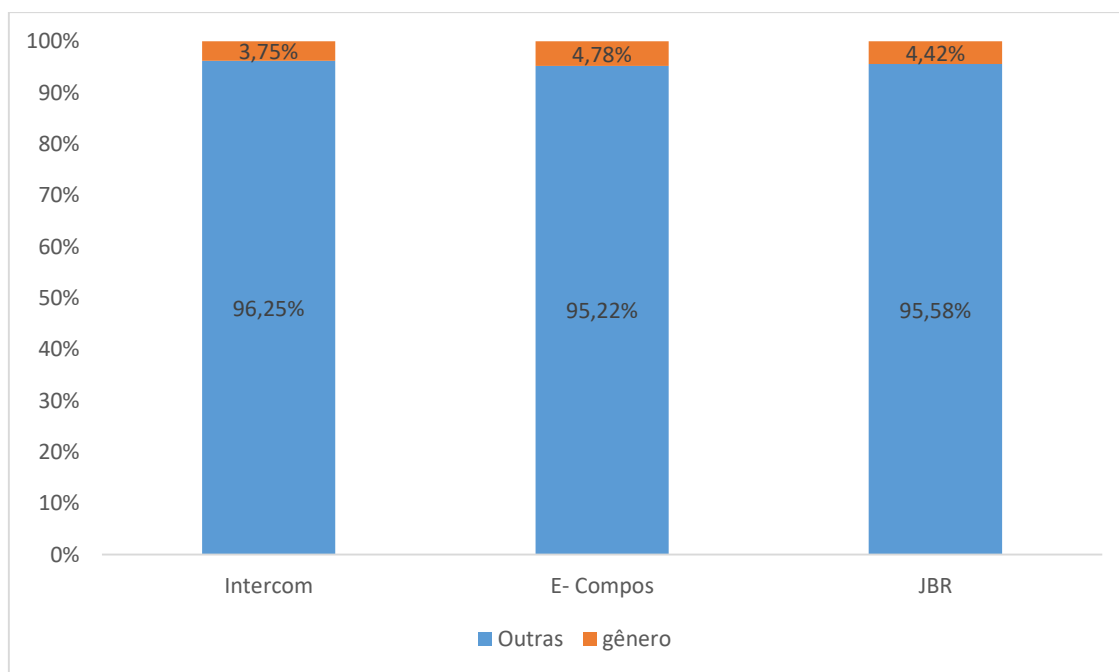
¹⁵ Los estudios sobre género y comunicación:
<http://dadun.unav.edu/bitstream/10171/8055/1/20091008140241.pdf>

¹⁶ Programa de Mestrado em Gênero e Comunicação da Universidade Autônoma de Barcelona:
https://www.uab.cat/web/postgrado/master-en-genero-y-comunicacion/informacion-general-1206597472083.html/param1-3339_es/param2-2009/

não existem, faltam revistas científicas especializadas, faltam programas de doutorado, mestrado e cursos de Pós-graduação que proporcione um maior interesse em estudantes universitários mais jovens. A criação do Programa de Mestrado em Gênero e Comunicação da Universidade Autônoma de Barcelona em 2015, preencheu a lacuna na formação acadêmica nesta área, já que não havia outro mestrado ou diploma especificamente dedicado a esta área de estudo na Espanha. Também não há treinamento sobre esse assunto em outras universidades espanholas ou nas universidades latino-americanas.

Gráfico 1 Percentual de artigos publicados segundo temática de Gênero: Intercom, E-Compós e JBR.

(2000 a 2018)



Fonte: Elaboração própria.

Tabela 1 Número de revistas e artigos analisados por revistas e ano de publicação.

		Ano																			Total
		2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	
Intercom	Revistas	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	3	3	3	31
	Artigos	13	15	10	6*	8*	14	30	23	25	24	24	24	33	27	27	27	20	31	19	400
E-Compós	Revistas					1	1	1	1	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	36
	Artigos					23	34	62	88	43	41	27	24	23	21	43	40	33	33	30	565
JBR	Revistas						2	2	2	2	2	2	2	2	3	2	2	3	3	3	32
	Artigos						20	21	29	20	21	21	18	25	32	25	29	34	27	40	362

Nota: *Considerado apenas publicações denominadas como artigo.

E-Compós iniciou publicação em 2004 e a *JBR* em 2005.

Fonte: Elaboração própria.

Esta primeira análise já permite algumas observações relevantes. O volume de publicações das três revistas mantém uma regularidade, o que indica uma boa produtividade da área de Comunicação. Percebe-se também que nos últimos anos as três revistas aumentaram a quantidade de suas edições (Tabela 1). Vale lembrar que este estudo considerou as publicações da revista *E-Compós* desde o ano 2004, a *JBR* de 2005 e a *Intercom* de 2000. No entanto, o número de artigos publicados pela *Intercom* nos anos anteriores o da criação das outras revistas foi pequeno e não significativo na análise de comparação entre as revistas.

A Tabela 2, abaixo, podemos observar que a temática de Gênero ainda é apresentada de maneira incipiente nas três publicações, perfazendo menos de 5% do total de artigos de cada revista.

Tabela 2 Número de revistas e artigos analisados por revistas e ano de publicação

Revistas	Temáticas dos artigos				Total
	Outras		Gênero		
	n.	%	n.	%	
Intercom	385	96,25%	15	3,75%	400
E- Compós	538	95,22%	27	4,78%	565
JBR	346	95,58%	16	4,42%	362
	1269	95,63%	58	4,37%	1327

Fonte: Elaboração própria.

Esse dado sobre as temáticas dos artigos condiz com os resultados de uma pesquisa realizada por Uziel (2014) e Martinez, (2016), onde foi apresentado que os estudos derivados da área de Comunicação sobre Gênero aparecem em um número muito menor em relação a outras disciplinas, como Sociologia, História e Antropologia, Psicologia, Letras, Educação e Filosofia.

Martinez (2016) ainda mostra que a soma dos textos produzidos sobre Gênero por autoras/es da área de Comunicação não chega a 10% do campo. Além disso, o número também é muito incipiente se levarmos em conta a proeminência da Mídia na construção das representações de Gênero e Sexualidades, aspectos fundamentais no campo de estudos de gênero (Tabela 2).

No Gráfico 2, quando analisadas as publicações que continham a temática de relações de Gênero por ano, pode-se observar também que, entre os anos de 2003 a 2005, não houveram publicações em nenhuma das revistas. Verificou-se que em todas as três revistas não houve regularidade de publicações a temática de Gênero naquele período. A *Intercom* foi a que apresentou publicações nos anos de 2001 e 2002 por ser a única em circulação na época.

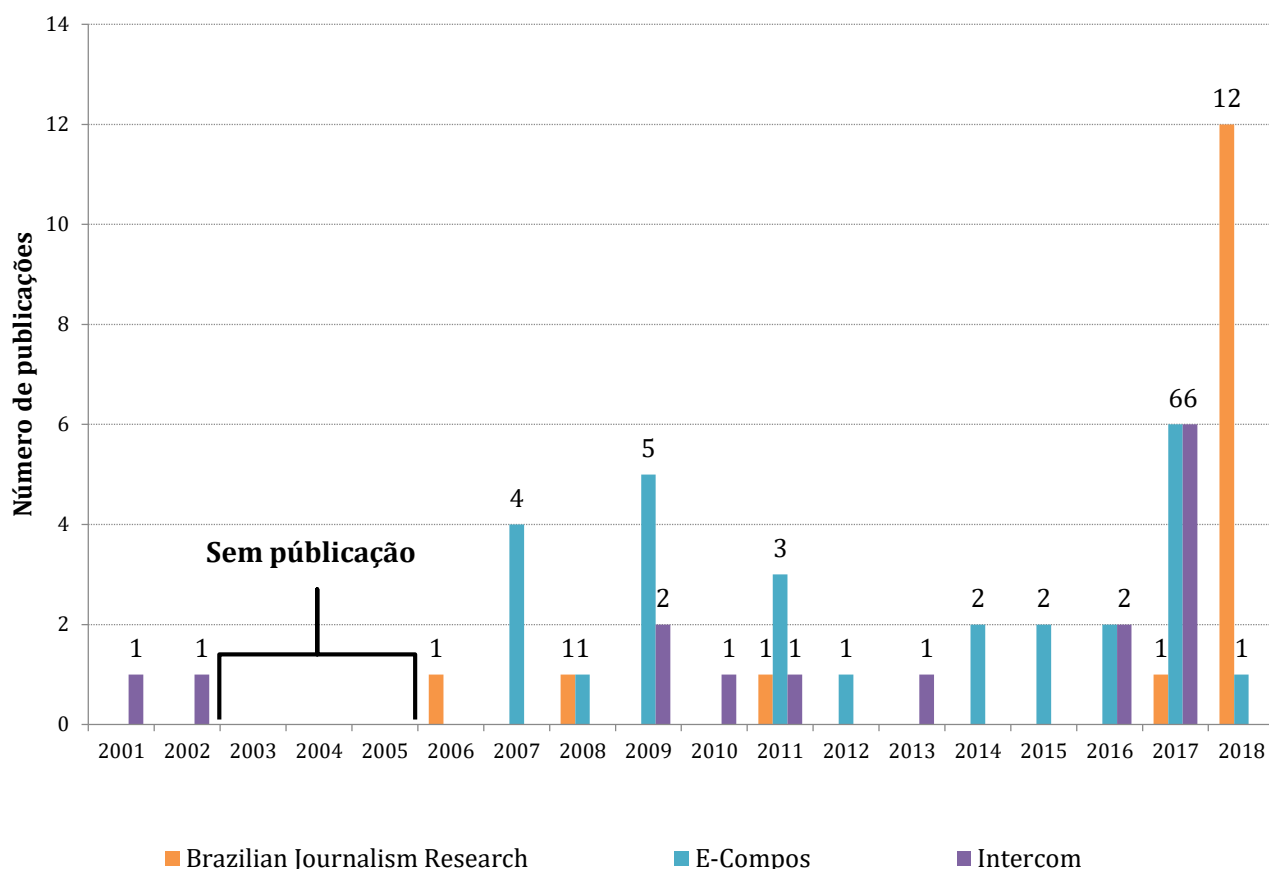
A *JBR* apresentou a temática de Gênero aos cinco anos de sua história, contudo, a maioria de suas publicações (12) ocorreu no ano de 2018 pois a revista produziu uma edição especial com o tema Jornalismo e Estudos de Gênero¹⁷.

Por outro lado, verifica-se que a *E-Compós* abordou a temática durante dez anos de sua história, sendo a que teve melhor regularidade no tema em comparação com as outras, o que colabora, mais uma vez, com sua avaliação no Qualis/CAPES. Verificou-se também que apenas

¹⁷ Journalism and Gender Studies <https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/issue/view/51>

nos anos de 2011 e 2017 todas as três revistas apresentaram a temática de relações de Gênero em suas edições.

Gráfico 2 Número de publicações com a temática de relações de gênero segundo revista por ano de publicação.

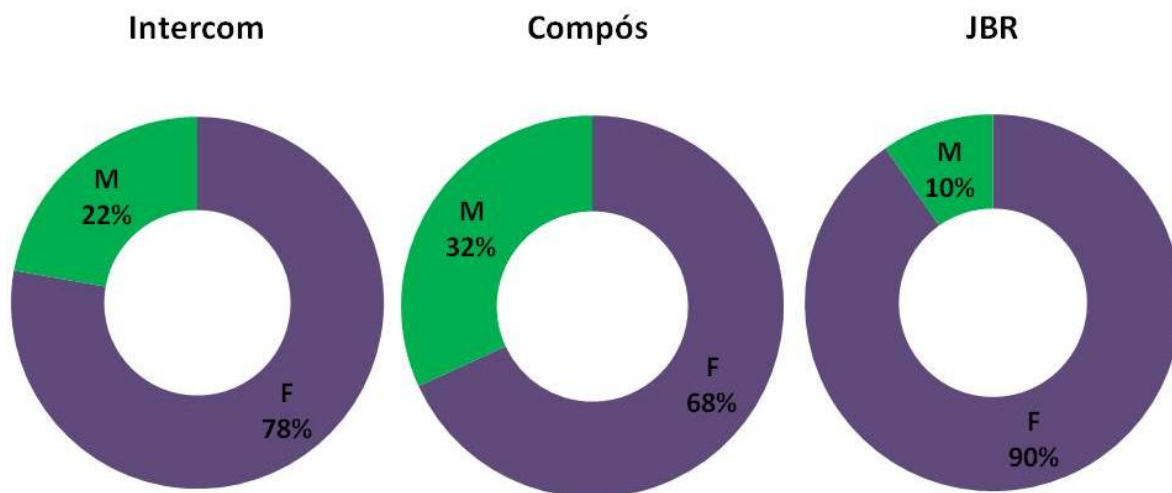


Fonte: (Elaboração própria).

É importante lembrar que a produção acadêmica com temáticas relacionadas a relações de Gênero é recente, ainda mais quando se trata do campo da Comunicação. Esses estudos ganharam força nas pesquisas brasileiras há cerca de 50 anos. Diante disso, percebemos que nos últimos anos a quantidade de publicações com a temática nas três revistas têm aumentado consideravelmente. Nesta análise observamos destaques pontuais nos anos de 2007, 2009 e 2011 na *E-Compós*, no ano de 2017 na *E-Compós* e *Intercom*, e no ano de 2018 na BJR.

Foram identificados 102 autores nas 58 publicações que abordavam a temática de relações Gênero. Destes, 79 (77,5%) eram do sexo feminino e 23 (22,5%) do sexo masculino. Quando verificado autoria segundo o sexo por revista observou que as autoras mulheres foram predominante nas três revistas, chegando a ser 90% das autorias publicadas na *JBR* (Gráfico 2). Esse achado corrobora com outro estudo que apontou as mulheres, na área ciências humanas e sociais, são as que mais produzem artigos científicos com a temática de Gênero (SILVA, S. V., 2000). É possível inferir que esse achado faz parte dos impactos dos movimentos feministas que buscam a paridade de gênero.

Gráfico 3 Proporção de autores segundo sexo por revista.



Fonte: (Elaboração própria).

Quanto a localidade das instituições dos autores verificou-se que 12 autores eram de instituições internacionais, 27 eram do estado de São Paulo, 26 do Rio Grande do Sul, 9 do Rio de Janeiro, 8 de Minas Gerais, 8 do Distrito Federal, 3 do Paraná, 3 de Pernambuco, 3 Ceará, 1 Santa Catarina, 1 Rio Grande do Norte e 1 do Pará, conforme pode-se identificar na Figura 01, abaixo.

Figura 1 Distribuição de autores e publicações com temáticas de relações de Gênero nas revistas Intercom, E-Compós e JBR (2000 a 2018)



Fonte: (Elaboração própria).

É interessante observar que a maior parte da produção está concentrada em SP e RS, o que é coerente em termos de produção geral da área da Comunicação. Neste sentido, a temática de Gênero não altera a correlação de forças da produção acadêmica nestas três revistas em termos de regiões do país. Além disso, é importante lembrar que os profissionais da Comunicação, na condição de categoria profissional, organizam-se em diferentes espaços e habilitações, inclusive em eventos científicos, revistas e fóruns.

Quanto a instituição declarada pelos autores e autoras, observa-se que das 94 de instituições brasileiras, 34% (32) eram de instituições privadas. Quando analisamos as dez primeiras instituições brasileiras mais citadas pelos autores e autoras, observa-se que a maioria, sete, estão localizadas na região Sudeste, duas no Sul e uma no Centro Oeste. Além disso, observa-se na Tabela 3, abaixo, que dez (10,6%) autores/autoras declararam ser da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), seguida de oito (8,5%) na Universidade de Brasília (UnB), sete (7,4%) na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), seis (6,4%) Universidade de São Paulo e seis (6,4%) Universidade Metodista de São Paulo (UMESP).

Estes achados apontam que as universidades públicas brasileiras estão mais engajadas com a temática de Comunicação e Gênero, liderando o ranking de instituições por autores. Não obstante, percebe-se uma participação importante das instituições privadas no processo de publicações científicas sobre Gênero, principalmente aquelas localizadas na região Sudeste do país. No entanto, demonstra fragilidade desta temática em outras regiões, principalmente no Norte e Nordeste.

Tabela 3 Ranking das dez primeiras instituições por autores.

Instituições dos autores	Adm. da instituição	Autores	
		n.	%
UFSM	pública	10	10.6
UNB	pública	8	8.5
PUCRS	privada	7	7.4
USP	pública	6	6.4
UMESP	privada	6	6.4
UFMG	pública	5	5.3
UFPA	pública	5	5.3
Unicamp	pública	4	4.3
UNISO	privada	4	4.3
UFRJ	pública	4	4.3
Outras	---	22	23.4

Fonte: Elaboração própria.

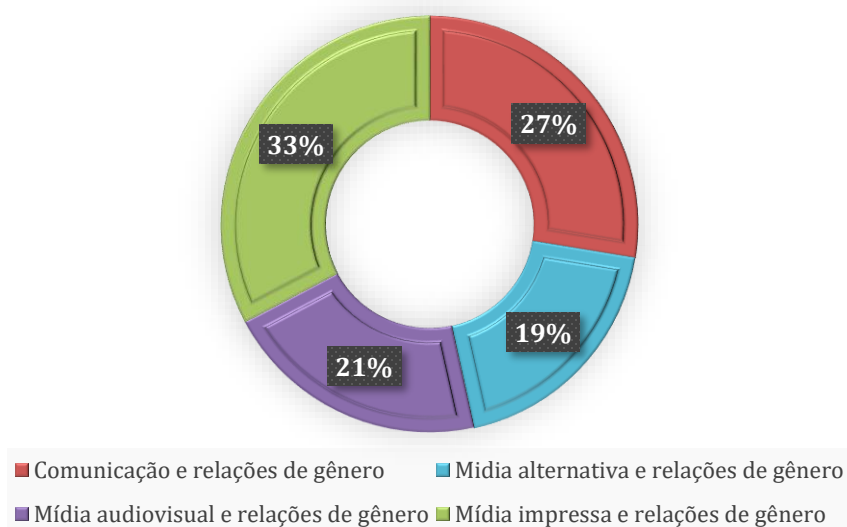
Quadro 2 Ranking de publicações de artigos por Unidades Federativas, Autorias e Universidades.

UF	Total Autores	Instituições dos autores	Total Publicações	Revistas
SP	27. autores	6. USP 6. UMESP 4. Unicamp 4. UNISO 2. ESPM 2. UAM 1. FAENAC 1. FIAMFAAM 1. UNIP	15. publicações	5. Intercom 5. JBR 5. E-compós
RS	26. autores	10. UFSM 7. PUCRS 2. FSG 2. UFRGS 2. UFRS 2. UNISINOS 1. Univ. Sta Cruz do Sul	15. publicações	2. Intercom 2. JBR 11. E-Compós
RJ	9. autores	4. UFRJ 2. UERJ 2. UFF 1. FIOCRUZ	7. publicações	3. Intercom 1. JBR 3. E-compós
MG	8. autores	5. UFMG 2. UFJF 1. UFOP	5. publicações	1. Intercom 1. JBR 3. E-compós
DF	8. autores	8. UNB	4. publicações	1. Intercom 2. JBR 1. E-compós
PR	3. autores	2. UTP 1. UEPG	3. publicações	1. Intercom 1. JBR 1. E-compós
SC	1. autores	1. Unochapecó	2. publicações	1. E-compós
CE	3. autores	3. UFC	2. publicações	1. Intercom 1. E-compós
PE	3. autores	3. UFPE	1. publicações	1. JBR
PA	1. autores	5. UFPA	1. publicações	1. E-compós
RN	1. autores	1. UFRN	1. publicações	1. Intercom
Internacionais	12. autores	6. Portugal 2. México 1. Romênia 1. Burkina Faso 1. Argentina 1. Londres	10. publicações	3. Intercom 4. JBR 3. E-compós

Fonte: Elaboração própria.

Quanto à distribuição da temática nas categorias de análise, verificou-se que das 58 publicações com a temática de Gênero nas três revistas, 19 (33%) abordaram Mídia impressa e relações de Gênero, 16 (27%) em Comunicação e relações de Gênero, 12 (21%) em mídia Audiovisual e relações de Gênero, e 11 (19%) em mídia Alternativa e relações de Gênero (Gráfico 3, abaixo).

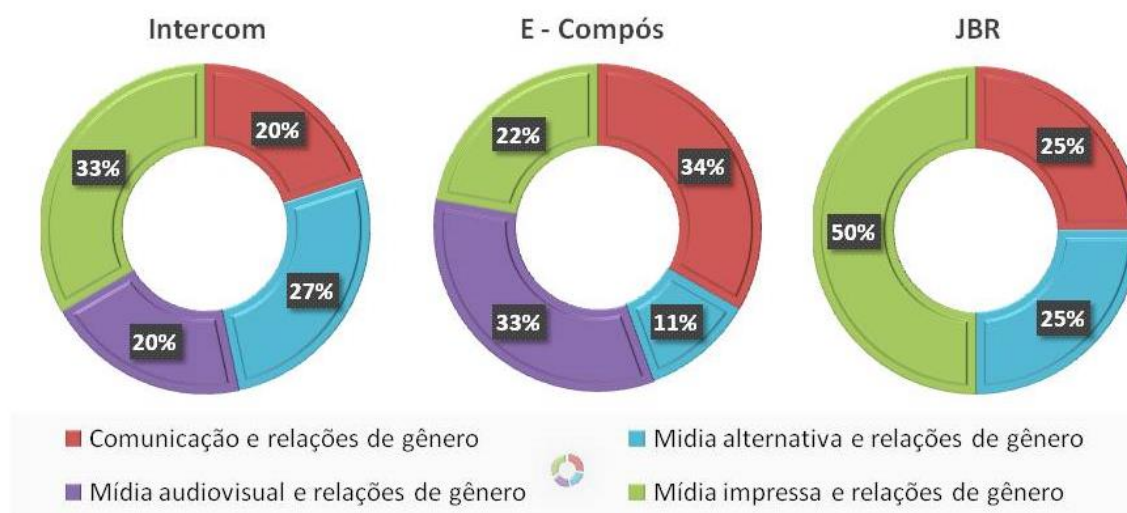
Gráfico 4 Distribuição em porcentagem das categorias de análise abordadas nos artigos com a temática de Gênero.



Fonte: Elaboração própria.

Quando analisamos a distribuição das categorias temáticas proposta neste estudo por revistas, verificou-se que a *Intercom*, em comparação as outras, apresentou uma distribuição de publicações mais homogênea entre as quatro categorias: 20% dos seus artigos abordaram Comunicação; 20% Mídia Audiovisual; 33% Mídia Impressa e 27% Mídia Alternativa. A *E-Compós* também abordou as quatro temáticas, porém a maioria 34% eram sobre Comunicação e 33% em Mídia Audiovisual. Enquanto isso, a *JBR* não apresentou artigos com abordagem sobre Mídia Audiovisual e 50% dos seus artigos eram relacionados a Mídia Impressa (Gráfico 4).

Gráfico 5 Distribuição em porcentagem das categorias de análise abordadas nos artigos com a temática em gênero por revistas.



Fonte: Elaboração própria.

Abaixo vamos destacar os principais achados e métodos utilizados nos artigos conforme as categorias temáticas proposta neste estudo:

I. Mídia impressa e relações de gênero

Os artigos classificados como mídia impressa abordaram variáveis temáticas e revelaram resultados preocupantes com relação a representatividade de gênero na mídia. Os dois artigos intitulados como: - Imprensa e saúde da mulher: a abordagem das revistas semanais brasileiras (Oliveira et al, 2009) - e - Direitos reprodutivos e jornalismo: o caso da Primavera das Mulheres brasileiras (CARDOSO; ROCHA; LIMA, 2018) - analisaram o conteúdo de textos informativos sobre a saúde das mulheres nas revistas brasileiras Veja, Época e IstoÉ.

Como principal achado, foi observado que a saúde das mulheres se apresenta mais relacionada aos aspectos reprodutivos (Oliveira et al, 2009). Pode-se inferir que abordagens de

saúde predominantemente relacionadas a reprodução minimizam a representatividade feminina na sociedade. Vale considerar que no nosso país, a taxa de fecundidade vem caindo gradativamente ao longo dos anos, ademais as mulheres passam um terço de suas vidas na fase pós reprodução, a qual ocorrem mudanças importantes, perpassam as influências psicossociais, culturais e situacionais que irão influenciar sua sexualidade (VALENÇA; FILHO; GERMANO; 2010).

Outros principais achados identificados na mídia impressa reforçam o combate à violência de gênero e o machismo estrutural, como foi apresentado em quatro artigos.

Intitulado como - Cobertura pela mídia da violência popular contra as mulheres: uma análise comparativa para a Romênia e o Canadá (MARINESCU, 2005) - o artigo apresenta semelhanças e diferenças entre as imagens de mulheres da Europa Oriental e da América Ocidental, por meio jornais canadenses e romenos. O artigo analisou a reconstrução de atos de violência contra essas mulheres e crianças.

In both countries analyzed the event which displays in a higher degree those characteristics could have more chances to attract media's attention, to be considered as "newsworthy" and, consequently, it was very possible that this event (and not other) to be rebuilt by the journalists as news or article regarding violent issue. Our analysis also pointed out the fact journalists employed had embedded in their texts a set of socially-constructed myths and stereotypes about women and children. Those myths referred at the second-order rank attributed to news whose subjects were women and children and to the status of passive victims in which women and children were in general portrayed both in the Canadian and Romanian press. (MARINESCU, 2005)

Já no artigo - Erro, dúvida e jornalismo generificado: um olhar sobre a cobertura de estupro a partir da reportagem "*a rape on campus*" (BARBOSA; BARÃO, 2018) - foram problematizadas algumas reflexões sobre fundamentos do jornalismo à luz das contribuições feministas, como a cobertura de estupro feita pela revista norte-americana Rolling Stone.

Uma crítica dirigida à cobertura de estupro diz respeito à existência ou não da cultura do estupro (rape culture), sobre a qual não há consenso nas teorias feministas; um dos catalizadores desse tipo de jornalismo seria o debate deslizante e raso sobre o tema. Há ainda a dificuldade de provar as acusações feitas por mulheres, que se torna um empecilho ao exercício do jornalismo tradicional, na medida em que as vítimas devem ser

confrontadas com outras narrativas (que, muitas vezes, as culpabilizam). (BARBOSA; BARÃO, 2018)

No artigo - O poder dos media de informação e as políticas públicas: a construção mediática do tráfico de mulheres para exploração sexual (SIMÕES, 2018) - retrata sobre a construção mediática do tráfico de mulheres para exploração sexual na imprensa portuguesa. Sabe-se que a imprensa tem a responsabilidade social de alertar, conscientizar e sensibilizar a respeito da gravidade do problema da violência contra as mulheres e também ao contextualizar o problema e cobrar dos órgãos responsáveis a qualidade e abrangência dos serviços prestados (INSTITUTO PATRICIA GALVÃO, 2001).

É essencial que a investigação feminista mantenha sob apertado escrutínio a construção mediática do tráfico sexual, avaliando eventuais mudanças nas tendências da representação. Especialmente importante será também investigar os ainda pouco estudados processos de produção jornalística. Não apenas para compreender as razões que estão na base dos profundos desequilíbrios documentados no discurso dos media, mas também, e sobretudo, com vista a explorar o seu potencial emancipatório. Esta frente de intervenção afigura-se como uma via promissora para afetar verdadeiramente a vida das mulheres. (SIMÕES, 2018)

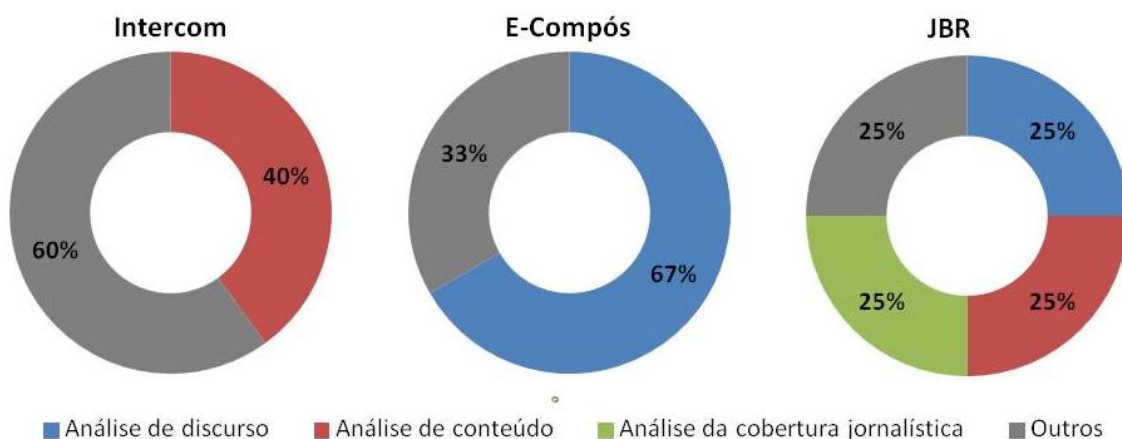
Por fim, no artigo - Disputa entre discursos: jornalismo e a violência contra as mulheres – Gomes (2018) constatou que a produção jornalística é pouco cuidadosa quanto à depuração dos fatos relatados em matérias sobre os casos de abuso das mulheres, assim corroborando antigos preconceitos.

A produção jornalística, nas matérias examinadas que relatam o caso e o andamento das investigações, dá, indiretamente, respaldo a essa cultura. Sem preocupar-se com pormenores das apurações, ela supõe que tudo está sendo encaminhado como deve ser, por parte dos órgãos oficiais, e que não há necessidade alguma de oferecer à vítima, por meio do jornal, algum suporte ou defesa, no mínimo na forma de esclarecimentos. (GOMES, 2018)

Quanto aos métodos dos artigos classificados com a temática mídia impressa e relações de gênero verificou-se que sete (36,8%) dos trabalhos abordaram a metodologia de análise de discurso e a análise de conteúdo foi o segundo método mais abordado quatro (21%). Quanto ao método utilizado por revista verificou-se que na *Intercom* dois (40%) dos artigos apresentaram a análise de

conteúdo, na *E-compós* quatro (67%) dos seus artigos abordaram a análise de discurso. Enquanto, a *JBR* foi a revista que apresentou mais variações nos métodos abordados e as análises de conteúdo, discurso e cobertura jornalística, foram expostos em seis (75%) dos seus artigos (Gráfico 5 e Quadro 3).

Gráfico 6 Métodos abordados nos artigos classificados com a temática mídia impressa e relações de gênero por revista.



Fonte: (Elaboração própria).

Nas pesquisas acadêmicas com abordagem quantitativa ou qualitativa, a escolha da metodologia é fundamental, uma vez que funciona como bússola orientadora, norteando os estudos que serão desenvolvidos, a coleta, a sistematização e análise dos dados obtidos (BURGER, 2013). A quantidade diversa de métodos publicados na *JBR* pode contribuir para que seus leitores/pesquisadores ampliem seus conhecimentos sobre as diversas metodologias existentes a fim de escolher aquela que melhor possa conduzi-lo no desenvolvimento de sua pesquisa, oportunizando-lhe maiores possibilidades de sucesso no alcance dos objetivos propostos.

A análise de discurso, abordada em vários artigos, reforça sua importância como método de pesquisa na temática de mídia impressa. De acordo com Gregolin (2017), a análise do discurso é um campo de pesquisa cujo objetivo é compreender a produção social de sentidos, realizada por sujeitos históricos, por meio da materialidade das linguagens.

A mídia é o principal dispositivo discursivo na sociedade contemporânea. Por meio dela é construído uma história do presente, é ela que formata a historicidade que nos atravessa e nos constitui, modelando a identidade histórica que nos liga ao passado e ao presente.

As mídias desempenham o papel de mediação entre seus leitores e a realidade. O que os textos da mídia oferecem não é a realidade, mas uma construção que permite ao leitor produzir formas simbólicas de representação da sua relação com a realidade concreta.

Já com a concepção de Dominique Maingueneau, para Análise de Discurso é preciso dar atenção a marcas específicas, manifestas em vocabulários que evocam ideias preconcebidas e frases que induzem a sentidos implícitos, carregando o tom e as idiossincrasias de um ideário.

Mas seria errado pensar que, em um discurso, as palavras não são empregadas a não ser em razão de suas virtualidades de sentido em língua. Porque, além de seu estrito valor semântico, as unidades lexicais tendem a adquirir o estatuto de signos de pertencimento. Entre vários termos a priori equivalentes, os enunciadores serão levados a utilizar aqueles que marcam sua posição no campo discursivo. Conhecemos, por exemplo, a voga extraordinária que teve uma palavra como estrutura na crítica literária dos anos 1960 em contextos em que sistema, organização, totalidade, ou, mais trivialmente, plano, teriam dito a mesma coisa. É que a restrição do universo lexical é inseparável da constituição de um território de convivência (Maingueneau, 2008, p. 81).

A Análise de Conteúdo foi a segunda metodologia mais utilizada nos artigos classificados como mídia impressa. Para Bardin (1995), a análise de conteúdo configura-se como:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos (BARDIN, 1995, p. 42).

Corroborando este pensamento, Creswell (2010) afirma que a análise de conteúdo consiste na extração de sentido dos dados de texto e imagem, com vistas a extrapolar as incertezas e enriquecer a interpretação dos dados obtidos.

De acordo com Bardin (2010), pensadora da análise de conteúdo, a maioria dos procedimentos metodológicos, relacionados a esse tipo de perspectiva, deve ser organizada por

meio de um processo de categorização. “A categorização é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o gênero (analogia), com os critérios previamente definidos” (BARDIN, 2010, p.145). Essas categorias são classes que devem reunir um grupo de elementos, os quais agrupam um conjunto de elementos em razão de suas características comuns.

Na análise de conteúdo os pesquisadores estabelecem um conjunto de categorias e depois contam o número de vezes que eles incidem em cada categoria. A exigência crucial é que as categorias sejam suficientemente precisas para capacitar diferentes codificadores a chegar no mesmo resultado (SILVERMAN, 2009, p. 149).

A autora aborda, ainda, que análise de conteúdo se subdivide em quantitativa e qualitativa. A análise quantitativa aborda a frequência de algum tema ou de algum conteúdo específico, é representada, normalmente, por tabelas e porcentagens, além de números que denotem sua periodicidade. Enquanto a análise qualitativa apresenta características permitindo deduções e inferências no conteúdo analisado, normalmente, é representada por hipóteses.

Quadro 3 Temática, o método, objetivo e principais resultados dos trabalhos classificados como mídia impressa e relações de gênero.

Revista	Título	Metodologia	Objetivo	Principais Resultados
Intercom	Vera Giangrande: uma história de encantamento	Pesquisa bibliográfica	Relevar o papel da mulher no âmbito da comunicação social a partir da figura de Vera Giangrande e sua atuação marcante para o desenvolvimento das relações públicas no Brasil.	Delineamento da trajetória profissional de Vera e a sua efetiva participação na área.
	Imprensa e saúde da mulher: a abordagem das revistas semanais brasileiras	Análise de conteúdo	Descrever o conteúdo de textos informativos sobre saúde da mulher nas revistas brasileiras Veja, Época e IstoÉ.	A saúde da mulher apareceu mais relacionado a aspectos reprodutivos.
	El derecho de las mujeres a la Comunicación: la transversalización de la legislación de medios com perspectiva de género	Análise de conteúdo	Analisar a legislação com base na Plataforma de Ação de Pequim de 1995 com a proposta que de que a referida legislação promova a igualdade ao acesso e participação das mulheres aos direitos de Comunicação e informação.	A teoria feminista e o campo teórico do gênero serviram para identificar as barreiras que impedem, até hoje, a realização da comunicação e da informação como direitos humanos das mulheres.
	Corpo, mito e imaginário nos postais das praias cariocas	Análise de conteúdo	Estudar a relação entre o corpo e o espaço urbano na construção do imaginário sobre a cidade do Rio de Janeiro.	A construção de um imaginário que reforça antigos clichês em que a cidade do Rio de Janeiro e seus personagens são apresentados como tendo uma natureza sensual, quente e festiva.
	Processos comunicacionais em ambiente escolar: o potencial de sentidos de representações visuais	Análise semiótica	Refletir sobre o potencial de sentidos engendrados em representações visuais sobre masculino/feminino que constam de livros didáticos e para tanto apresentam-se reflexões sobre imagens; sobre a alteridade e o processo de construção da identidade cultural na pós-modernidade.	Reflexões no campo Comunicação/Educação capazes de gerarem ações que podem redundar na possibilidade de construção de um pensamento crítico em relação às representações visuais.
E-compós	Self Help, Media Cultures and the Production of Female Psychopathology	Análise de discurso	Analisar o discurso especificamente sobre o gênero e sua centralidade na reconfiguração da individualidade dentro das formas de mídia e cultura de revistas femininas.	Uma maior aproximação dos teóricos culturais com a psicopatologia crítica permitirá aos estudos culturais trazerem o corpo de volta para a teoria cultural através de designações de raça, classe, sexualidade e gênero.

	Reflexões sobre as Mulheres de Roy Lichtenstein da década de 1960	Análise semiótica	Analisar as pinturas de mulheres da época, ajudando a difundir, relatar e perpetuar a história daquele tempo de maneira coerente.	Ele pintou o universo paradoxal, híbrido e fragmentado no qual suas personagens estavam inseridas.
	A saia de Marilyn: do arquétipo ao estereótipo nas imagens midiáticas	Mitocrítica durandiana	Mostrar de que modo elas se relacionam com os níveis mais profundos do imaginário: os arquétipos e os mitos.	Remetem a mitos importantes para a equilibração psicossocial, mas que foram degradados por sua institucionalização na mídia, resultando na estereotipia de imagens que derivam de arquétipos da feminilidade, da queda, do trickster e do herói.
	Corpos em eterno êxtase: um estudo de caso sobre homofobia cognitiva na revista portuguesa Happy Woman	Análise de discurso	Identificar aspectos homofóbicos por meio da revista portuguesa voltada ao público feminino Happy Woman.	Aspectos homofóbicos em um texto que teoricamente tenta revelar, ainda que de forma conservadora, os homens gays como sujeitos sexualmente ativos e felizes – ou felizes por serem sexualmente ativos.
	Seja uma mulher vencedora! Particularidades de gênero e definições do sucesso na literatura de autoajuda	Análise de discurso	Avaliar um exemplar da literatura de autoajuda voltado para o sucesso feminino.	Aponta uma série de continuidades problemáticas relativas às questões de gênero e à inserção da mulher no mercado de trabalho.
	O caso Aída Cury: playboys e transviados como representações da juventude em tempos de modernização	Análise de discurso	Perceber como essas personagens dramatizavam as consequências do projeto de modernização nacional baseado na metrópole, espaço em que progresso, cosmopolitismo e diversidade social poderiam significar promiscuidade, vício e corrupção moral.	Um imaginário bastante difuso emergia em fins da década, misturando preconceito racial e de classe aos símbolos de consumo que nos vinham através da cultura de massa norte americana.
JBR	Cobertura pela mídia da violência popular contra as mulheres: uma análise comparativa para a Romênia e o Canadá	Análise do discurso	Mostrar semelhanças e diferenças entre as imagens de mulheres da Europa Oriental e da América Ocidental.	Resultado comparativo sobre a reconstrução de atos de violência contra mulheres e crianças em jornais canadenses e romenos.
	Representações midiáticas das deputadas portuguesas: o “caso” do Parlamento Paritário	Análise da cobertura jornalística	Analisar a cobertura jornalística após a Revolução democrática Portuguesa de 25 de Abril de 1974.	Um pseudoevento na Assembleia da República, organizado com o objetivo de trazer para a agenda dos media a problemática da desigualdade de gênero no campo político.

Erro, dúvida e jornalismo generificado: Um olhar sobre a cobertura de estupro a partir da reportagem “A rape on campus”	Análise da cobertura jornalística	Problematizar alguns fundamentos do jornalismo ocidental à luz das contribuições feministas, refletindo sobre a cobertura de estupro feita pela revista norte-americana Rolling Stone.	Uma história com lacunas de informação e parcialmente inverídica.
O feminino no “livro de repórter”: uma mirada epistemológica de gênero sobre as práticas jornalísticas	Objetivação jornalística	Observar os discursos das repórteres sobre as práticas profissionais que subvertem as lógicas masculinistas dominantes e elaboram uma exegese do saber jornalístico.	Um conjunto de práticas foi identificado como fazendo emergir o feminino interdito e inferiorizado nas hierarquias de valores do jornalismo.
Signo da relação e os desafios das narrativas jornalísticas sobre as LGBT	Método de reportagem	Elaborar uma discussão sobre os caminhos possíveis para alcançar alteridade, complexidade e cumplicidade na prática jornalística.	Desafios de jornalistas que vão ao encontro de lésbicas, gays, bissexuais, travestis, intersexuais e homens e mulheres transexuais (LGBT) para construir narrativas com o devido respeito e compreensão das dimensões de vulnerabilidade em torno da vida dessas pessoas e os desafios de escuta que esse processo representa.
O poder das mídias de informação e as políticas públicas: A construção midiática do tráfico de mulheres para exploração sexual	Análise de conteúdo e discurso	Analisar a imprensa portuguesa para compreender de que forma a cobertura noticiosa do caso abriu caminho para o reconhecimento social e político deste problema.	Defende-se que, apesar do inegável envolvimento dos meios de comunicação nas mudanças sociopolíticas reivindicadas pelo feminismo, o seu potencial emancipatório permaneceu inexplorado.
Direitos reprodutivos e jornalismo: o caso da Primavera das Mulheres brasileiras	Análise de conteúdo	Identificar os interditos à discussão sobre o aborto na mídia e as potencialidades do momento histórico, no qual novos movimentos reacendem o debate sobre os direitos das mulheres. Foi utilizando como base a cobertura da movimentação “Primavera das Mulheres” nas revistas Época e IstoÉ.	Revelou uma cobertura ampla, não criminalizadora, mas circunscrita aos rituais discursivos tradicionais que se operam em/sobre temas considerados tabus e afastada do enquadramento da saúde pública.
Disputa entre discursos: jornalismo e a violência contra as mulheres	Análise de discurso	Pretende apreender o papel do jornalismo em uma cultura onde é possível sair em defesa do respeito às mulheres e, ao mesmo tempo, criminalizar a vítima pelos abusos sofridos.	A produção jornalística é pouco cuidadosa quanto à depuração dos fatos relatados em matérias sobre os casos de abuso das mulheres, assim corroborando antigos preconceitos.

Fonte: Elaboração própria.

II. Mídia audiovisual e relações de gênero

Os artigos que foram classificados como mídia audiovisual e relações de gênero apresentaram temáticas sobre a representatividade das mulheres em seriados, filmes, telenovelas, documentários e comerciais. Nessa categoria, dois artigos retrataram a representatividade das mulheres no cenário do cinema brasileiro.

No artigo - Matriarcas negras em “Tenda dos Milagres” (1977): uma análise da interseção entre gênero e raça no cinema brasileiro - Ferreira (2014) discutiu sobre a interseção entre as identidades de gênero e raça na literatura e na cinematografia brasileira. Com análise fílmica, ela buscou observar diferentes significados e abordagens sobre os femininos negros:

Assim, pode-se considerar que do cinema emergem novas maneiras de ver, de sentir, de pensar e compreender nossa história, não apenas a oficial, branca e masculina, mas aquela que está nas entrelinhas, no cotidiano de anônimas, oprimidas. Logo, encontrar diferentes protagonistas negras nesta narrativa significa enxergar as margens e as brechas dos silêncios que predominam sobre as mulheres negras. (FERREIRA, 2014)

Já no artigo intitulado - Filmes brasileiros de mulheres paranóicas: as segundas mulheres e o horror no cinema brasileiro (CÁNEPA, 2011) - no âmbito das discussões sobre o horror no cinema brasileiro, a autora examinou os aspectos de gênero presentes em cinco longas-metragens paulistas protagonizados por mulheres durante os anos 1950.

Nesses filmes, continuam em evidência as mulheres jogadas em cenários antigos e às voltas com segredos que envolvem suas antecessoras na vida, no trabalho ou mesmo em outras encarnações – o que sugere uma certa “trilha” temática no desenvolvimento da ficção de horror no cinema nacional. (CÁNEPA, 2011)

Na mesma categoria de audiovisual, como principal achado foi identificado três artigos que trataram a representatividade das mulheres nas telenovelas brasileiras. As telenovelas, principalmente do horário nobre, são parte dos processos ideológicos e culturais que reproduzem

e transformam os laços sociais no Brasil, ao estimularem reflexões das pessoas comuns sobre temas como as desigualdades de gênero.

No artigo intitulado - A favorita, entre o dramalhão e o lúdico: experimentos na representação de gêneros, ousadia no retrato das relações familiares e descaso do verossímil - (FISCHER; NASCIMENTO, 2009) discutiram e levantaram dados da telenovela A favorita (2008/2009) de João Emanuel Carneiro, Rede Globo de Televisão.

Assim, os tradicionais lugares e papéis familiares, convencionais e pré-estabelecidos, tornam-se cambiantes e ficam consideravelmente relativizados [...] A representação de tais lugares e papéis, conseqüentemente, na medida em que encena na tela da televisão, em meio à domesticidade da rotina cotidiana do jantar familiar, famílias carnavalizadas, desordenadas, coloca em pauta e discute a possibilidade de agrupamentos familiares inusitados, experimentais – o que acaba por questionar e colocar em xeque a estabilidade do sistema narrativo instituído e, por vias de consequência, questiona e coloca em xeque também os valores a ele agregados. (FISCHER; NASCIMENTO, 2009)

No artigo - Mulheres e telenovela: a recepção pela perspectiva das relações de gênero - (RONSINI; SILVIA, 2011) apresentaram reflexões sobre a recepção da telenovela, problematizando questões de gênero.

As telenovelas, ao longo do tempo vêm quebrando tabus e veiculando diversas possibilidades para o feminino. Há personagens que são mulheres fortes, que possuem autonomia financeira e grande poder de decisão no ambiente profissional e doméstico, como Bete Gouveia. No entanto, a desigualdade entre os gêneros não é questionada nas telenovelas. O ambiente doméstico, por exemplo, é reforçado como essencialmente feminino, o que parece legitimar que a subordinação das mulheres é tratada nas tramas a partir da “natureza” feminina e não como uma questão social. (RONSINI; SILVIA, 2011)

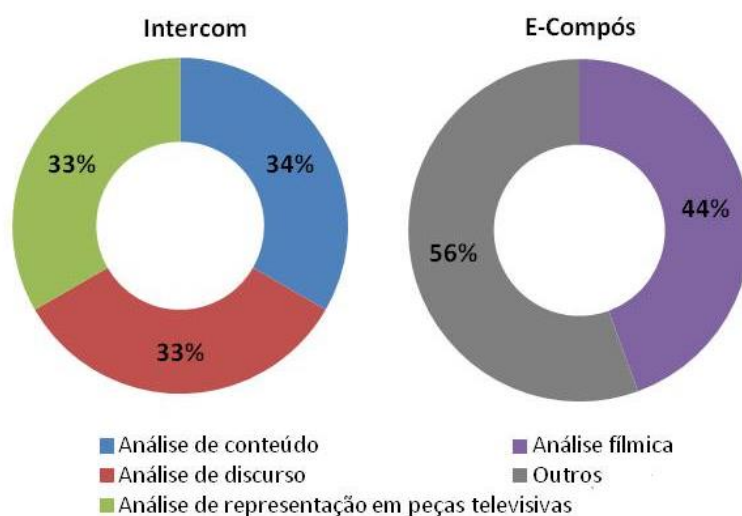
Outro artigo intitulado - Os sentidos das telenovelas nas trajetórias sociais de mulheres das classes populares (RONSINI et al, 2017) - os autores observaram os usos sociais da ficção televisiva por mulheres das frações baixa e média baixa das classes populares.

As telenovelas oferecem às mulheres das classes populares promessas de transformação da vida amorosa, padrões de comportamento sexual, modos (respeitáveis) de apresentação no espaço público e o modelo do self ideal burguês. O princípio sexista

da vida privada como responsabilidade feminina e da vida pública como esfera masculina é vivido pelas informantes e, parcialmente, reforçado pela incorporação do modelo da mulher “batalhadora” das heroínas do melodrama. (RONSINI et al, 2017)

Quanto aos métodos utilizados nos artigos classificados com a temática audiovisual e relações de gênero verificou-se que a análise fílmica foi a mais abordada em quatro (33,3%) artigos. Quanto ao método utilizado por revista verificou-se que na *Intercom* em cada um dos seus três artigos os seguintes métodos: Análise de conteúdo, discurso e de representação em peças televisivas. Enquanto na *E-Compós* quatro (44,5%) dos seus artigos abordaram a análise de fílmica. Infere-se que a *JBR* não apresentou artigos com abordagem em mídia audiovisual e relações de gênero, por se tratar de uma revista voltada para o campo jornalístico (Gráfico 6 e Quadro 4).

Gráfico 7 Métodos abordados nos artigos classificados com a temática audiovisual e relações de Gênero por revista.



Fonte: (Elaboração própria)

***Nota:** A Revista JBR não teve nenhum artigo sobre a temática audiovisual

Esses achados demonstram a possibilidade de utilização de diversos métodos quando a temática envolve questões de audiovisual. Todavia, a análise fílmica mostrou-se como um método relevante com maior destaque. Analisar um filme não é revê-lo e, mais ainda, é examiná-lo

tecnicamente. Por meio de uma análise fílmica, é possível analisar uma cidade, uma cultura ou momento histórico.

Quadro 4 Temática, método, objetivo e principais resultados dos trabalhos classificados como mídia audiovisual e relações de gênero.

Revista	Título	Metodologia	Objetivo	Principais Resultados
Intercom	Simulacros do feminino: gênero, ideologia e cultura de consumo no seriado Mulher	Análise de discurso	Analisar o seriado Mulher, exibido pela TV Globo de 1998 a 1999	Contribuiu para o estudo e a compreensão de aspectos específicos da Comunicação, sobretudo a forma de construção de discursos e representações femininas sob a ótica da teledramaturgia brasileira
	Todas as histórias de violência doméstica se assemelham: o olhar e arte como dispositivos libertadores	Análise de conteúdo	Uma reflexão teórica sobre os principais objetivos, valores e ideias que o longa-metragem “Te doy mis ojos” reúne em si, num diálogo sociológico com os elementos de gênero presentes.	Destacando aqueles que consideramos serem os principais traços de um estilo da realizadora, reflectimos ainda sobre a presença das mesmas características numa cinematografia europeia contemporânea.
	Homens e mulheres cientistas: questões de gênero nas duas principais emissoras televisivas do Brasil	Análise de representação em peças televisivas	Análise da representação de cientistas ao longo da programação diária das duas principais emissoras televisivas brasileiras: TV Globo e TV Record.	Identificou uma presença maior de cientistas homens do que mulheres. Os homens cientistas estiveram mais presentes em programas de entretenimento e as mulheres, em publicidades.
E-compós	As mulheres só querem ser salvas: Sex and the City e o pós-feminismo	Circuito de cultura	Refletir acerca da representação da mulher e da “solteirice” no programa em questão, assim como questionar sua conexão com o que vem sendo chamado de pós-feminismo.	A mulher representada em STC é emancipada e dona de seu destino, mas não deixa de sofrer por isto.
	Pornochanchada do avesso: o caso das mulheres monstruosas em filmes de horror da Boca do Lixo	Análise fílmica	Demonstrar que o cinema praticado nos estertores da pornochanchada trazia alguma discussão sobre a condição feminina no cinema e na sociedade, mostrando capacidade de reflexão e de auto-crítica que nem sempre é considerada na análise dessa cinematografia.	Protagonizadas por mulheres monstruosas, tiveram homens como suas vítimas principais, invertendo uma das estruturas básicas do filme erótico brasileiro, que consistia na representação dos homens sempre mais fortes e ameaçadores do que as mulheres.

A favorita, entre o dramalhão e o lúdico: experimentos na representação de gêneros, ousadia no retrato das relações familiares e descaso do verossímil	Sem informação	Discutir e levantar dados para um estudo da telenovela. A favorita (2008/2009) de João Emanuel Carneiro, Rede Globo de Televisão	Ao misturar elementos do dramalhão tradicional com soluções do humor farsesco, a telenovela coloca sutilmente entre parênteses o parâmetro da verossimilhança e introduz um aspecto novo para as narrativas do horário: a exploração do lúdico e da experimentação.
Mulheres e telenovela: a recepção pela perspectiva das relações de gênero	Etnografia crítica da recepção	Apresentar reflexões sobre a recepção da telenovela, problematizando questões de gênero.	Apesar das telenovelas apresentarem diversas possibilidades para o feminino, o espaço doméstico ainda é retratado como essencialmente ligado às mulheres.
Filmes brasileiros de mulheres paranóicas: as segundas mulheres e o horror no cinema brasileiro	Análise fílmica	Examinar aspectos do gênero presentes em cinco longas-metragens paulistas protagonizados por mulheres durante os anos 1950.	Tais obras, possivelmente inspiradas no que Mary Ann Doane (1987) chamou de “paranoid woman’s films” hollywoodianos, podem ter tido alguma influência sobre filmes de horror brasileiros posteriores, entre os quais o seminal longa-metragem À meia-noite levarei sua alma (1964), do cineasta e ator paulista José Mojica Marins, tido como o primeiro e maior representante do gênero em nosso cinema.
Matriarcas negras em “Tenda dos Milagres” (1977): uma análise da interseção entre gênero e raça no cinema brasileiro	Análise fílmica	Discutir a interseção entre as identidades de gênero e raça na literatura e na cinematografia brasileira, buscando assim observar diferentes significados e abordagens sobre os femininos negros.	Por meio de Tenda dos Milagres é possível observar como as mulheres negras foram capazes de reconstruir, a partir de sua atuação política na religiosidade, suas relações de pertencimento, laços simbólicos, afetividades, memórias e diferentes perspectivas de vida.
Documentário Queer no Sul do Brasil: apontamentos gerais	Análise fílmica	Analisar as representações LGBT, buscando compreender em que medida estes filmes partilham de narrativas/estéticas queer.	Sensibilizar nosso olhar para enfrentar todo este campo de batalha constituído de territórios fílmicos, os quais têm buscado, gradualmente, estender os domínios da representação das diferenças.
Os sentidos das telenovelas nas trajetórias sociais de mulheres das classes populares	Observação participante	Entender os usos sociais da ficção televisiva por mulheres das frações baixa e média baixa das classes populares, em particular, a construção de uma feminilidade de classe, a qual é capturada pelas visões de mundo que as informantes manifestam.	As telenovelas oferecem às mulheres das classes populares promessas de transformação da vida amorosa, padrões de comportamento sexual, modos (respeitáveis) de apresentação no espaço público e o modelo do self ideal burguês.

	Esporte, gênero e ideologia: a (des)construção de Ronda Rousey no comercial #PerfectNever	Hermenêutica de profundidade	Analisamos e interpretamos o potencial ideológico e o contestatório dos sentidos mobilizados pelo comercial da Rebook #PerfectNever, protagonizado pela ex-campeã de UFC Ronda Rousey	Do ponto de vista das relações de gênero, o comercial é potencialmente subversivo e, do ponto de vista das relações de classe, potencialmente ideológico
JBR	sem publicações nessa temática			

Fonte: Elaboração própria.

III. Mídia alternativa e relações de gênero

Os artigos classificados como mídia alternativa e relações de gênero apresentaram temáticas variáveis como consumo midiático, ativismo digital, esfera pública digital e mediação e narrativas da violência de gênero. Foram identificados 2 artigos que tratam sobre o fenômeno do ativismo digital materno, apresentando algumas características dentro de um contexto mais amplo de debates contemporâneos do jornalismo independente e do feminismo.

No artigo - Blogs como canais alternativos de comunicação para o renascimento do parto - as autoras Luz e Gico (2016), investigaram a blogosfera brasileira da humanização do parto composta por blogs mantidos por mulheres ativistas. O estudo sinalizou que é preciso focar justamente nos canais alternativos de comunicação e informação para trazer exemplos de modelos mais humanos e holísticos de assistência obstétrica. Segundo elas a imprensa massiva costuma alinhar-se aos interesses mercadológicos, estando mais preocupada em atingir melhores resultados econômicos do que com sua tradicional missão jornalística de esclarecer os fatos e promover a formação de uma opinião pública e a construção de uma sociedade mais cidadã.

Agindo coletivamente, as ativistas pela humanização do parto formam uma esfera pública mais forte e visível, e com mais probabilidade de desafiar o discurso dominante. Nesse sentido, destaca-se, em específico: as postagens coletivas, textos autorais publicados nos espaços pessoais em data pré determinada, geralmente celebrativa, para alcançar uma maior mobilização em torno do assunto; o compartilhamento fácil e virtualmente sem custo de informações, o que pode possibilitar uma disseminação de conteúdos de longo alcance e instantânea; e os canais para troca de mensagens entre pessoas ou grupos, possibilitando a fácil articulação e a organização de mobilizações. (LUZ; GICO, 2016)

Intitulado como - Ativismo digital materno e feminismo interseccional: Uma análise da plataforma de mídia independente “Cientista Que Virou Mãe” (MEDRADO; MULLER, 2018) – o artigo retrata o ativismo digital materno a partir da análise de um blog que passou a operar como uma plataforma de mídia independente: o Cientista Que Virou Mãe (CQVM). Segundo as autoras:

Iniciativas com características de ativismo digital são tão importantes quanto imperfeitas e isso é natural. Como aponta Castells (2013), o importante é que haja nelas um alto grau de autorreflexividade, de forma a estarem constantemente avaliando e remoldando suas

práticas. No caso do ativismo materno, é essencial reconhecer que este ainda é um ambiente predominantemente branco, que poderia ampliar seu potencial inclusivo pela incorporação de perspectivas provenientes do feminismo interseccional, por exemplo. (MEDRADO; MULLER, 2018)

Na mesma categoria de mídia alternativa, como principal achado foi identificado dois artigos que trataram sobre violência contra as mulheres e a midiaticização. No artigo - O quarto narrador, a midiaticização e as narrativas da violência - Soster (2017) analisou determinados formatos de narrativa cujas temáticas se referem a casos de violência praticados contra mulheres, crianças, minorias sociais em sites e redes sociais. Para Soster (2017) as narrativas da violência são estratégias discursivas midiaticizadas por meio das quais os sistemas incorporam irritações de natureza desagregadora, caso dos discursos de violência.

A violência – irrita um sistema, independentemente de sua natureza, interferindo na lógica operacional deste. É o que acontece, por exemplo, quando casos de violência doméstica ou de racismo adquirem dimensões preocupantes na sociedade ao ponto de chamar a atenção de seus governantes [...]. As “narrativas da violência” acabam por irritar o sistema midiático – o que ocorre por meio da disponibilização dos vídeos na plataforma Youtube –, que absorve a informação e faz com que ela circule entre alguns de seus dispositivos (sites, redes sociais, blogs etc.). (SOSTER, 2017)

No Artigo - Violência contra as mulheres: o caso do estupro coletivo na esfera pública digital – as autoras (MARADEI; SANTOS, 2017) identificaram os atores sociais na esfera pública digital e o conteúdo das manifestações no *Twitter* sobre o estupro coletivo ocorrido com uma adolescente brasileira em 2016. No artigo encontra-se reflexões a respeito da exposição frenética da menor de idade no cenário das redes sociais digitais.

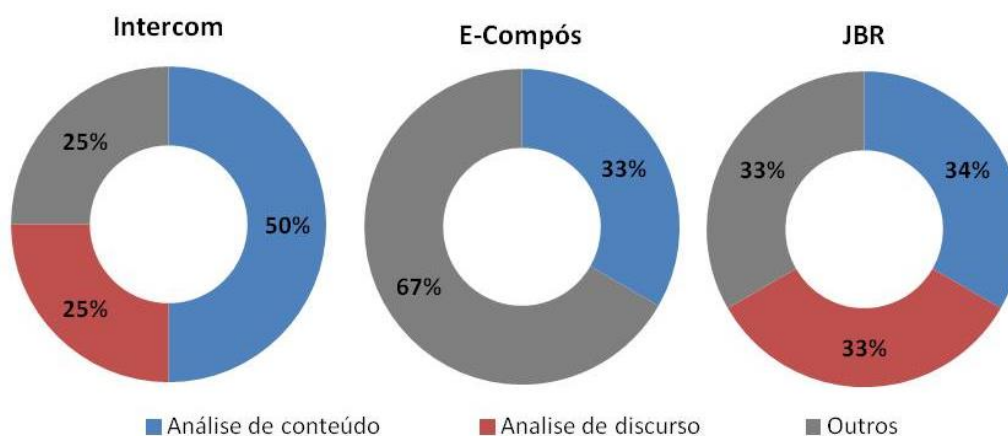
Independentemente da violência do crime e da violência de gênero, temas presentes nas manifestações no *Twitter*, ressaltamos que não só pela quantidade de posts na amostra estudada quanto pela abordagem no conteúdo, os princípios éticos (de valor à vida humana, de crítica à cultura do estupro e de consciência sobre o machismo) estiveram mais presentes na abordagem dos posts. Apesar de observarmos uma tendência de engajamento social nas questões de gênero, foi possível verificar também nas

argumentações certa relativização da atitude dos agressores. Basicamente, houve a desqualificação da vítima, associando-a a imagem de prostituta, opinião justificada por supostos antecedentes e comportamentos considerados inadequados à moral e aos bons costumes, segundo visão machista claramente manifestada em alguns exemplos de posts apresentados neste artigo. (MARADEI; SANTOS,2017)

Quanto aos métodos utilizados nos artigos classificados com a temática mídia alternativa e relações de gênero verificou-se que a análise conteúdo foi abordada em 4 (40%) dos artigos, seguida da análise de discurso em 2 (20%). Quanto ao método utilizado por revista verificou-se que na *Intercom* 2 (50%) dos seus três artigos utilizaram o método de análise de conteúdo. Na *E-Compós* 1 (25%) dos seus artigos também utilizaram análise de conteúdo. Enquanto, na *JBR* 1 (34%) foi por Análise de Conteúdo e 1 (33%) Análise de Discurso (Gráfico 7 e Quadro 5).

Os métodos de Análise de Conteúdo e Discurso mostrou-se relevantes para área de comunicação, sendo dois métodos mais utilizados com uma ampla abordagem temática. Percebe-se que na categoria mídia alternativa a metodologia de Análise de Conteúdo foi a mais utilizada, seguida da Análise de Discurso, tendo um resultado inverso da categoria de mídia impressa.

Gráfico 8 Métodos abordados nos artigos classificados com a temática mídia alternativa e relações de Gênero por revista.



Fonte: Elaboração própria.

Quadro 5 Temática, método, objetivo e principais resultados dos trabalhos classificados como mídia alternativa e relações de gênero.

Revista	Título	Metodologia	Objetivo	Principais Resultados
Intercom	Blogs como canais alternativos de comunicação para o renascimento do parto	Sociologia das ausências e Sociologia das emergências	Investigar a blogosfera brasileira da humanização do parto composta por blogs mantidos por mulheres ativistas.	As ferramentas da Internet têm permitido uma mobilização inédita em prol do renascimento do parto.
	O quarto narrador, a mediatização e as narrativas da violência	Análise de discurso	Analisar determinados formatos de narrativa cujas temáticas se referem a casos de violência praticados contra mulheres, crianças, minorias sociais em em sites e redes sociais.	As “narrativas da violência” são estratégias discursivas mediatizadas por meio das quais os sistemas incorporam irritações de natureza desagregadora, caso dos discursos de violência.
	Violência contra as mulheres: o caso do estupro coletivo na esfera pública digital	Análise de conteúdo	Identificar os atores sociais na esfera pública digital e o conteúdo das manifestações no Twitter sobre o estupro coletivo ocorrido com uma adolescente brasileira em 2016.	As manifestações foram geralmente independentes, embora tenha sido observada a presença de grupos de mulheres ativistas e vários formadores de opinião.
	Elas merecem ser lembradas: feminismo, emoções e memória em rede	Análise de conteúdo	Problematizar os usos da memória pelos movimentos sociais, em suas constituições identitárias e em suas lutas por reconhecimento, identificando os imbricamentos presentes entre os feminismos contemporâneos e a Internet.	Na relação entre as práticas de rememoração e as emoções, o direito à memória se estabelece como uma reivindicação primordial das mulheres em suas novas formas de militância.
E-compós	Ciber-Cultura Feminina: interação social em um weblog	Etnometodologia	Analisar a dinâmica interacional da entrada em cena de novas participantes, a negociação de sentidos em situações de conflito e uma teorização informal da feminilidade ali observável.	Apesar de existirem weblogs contemplando as temáticas mais variadas, o elogio parece ser a mediação principal nos processos de reconhecimento, acolhimento e pertencimento nesses ambientes.
	Somos seres humanos e merecemos todo respeito: consumo midiático na comunidade online Mundo T-Girl	Etnografia	Investigar o consumo de mídia no Mundo T-Girl, uma comunidade de mulheres transexuais e travestis no Facebook.	As mulheres da comunidade tecem relações com outras pessoas e com esferas da sociedade que podem perpassar o online, mas que se estendem e desenvolvem em ambientes que não são virtuais.
	A mulher na vida pública: um mapa das moralidades no Facebook	Análise de Conteúdo	Investigar entendimentos morais sobre a participação da mulher na vida pública a partir de comentários dos posts no Facebook sobre as matérias: As explosões nervosas da presidente, da ItoÉ, e Bela, recatada e do lar, da Veja.	Moralidades tidas como ofensivas podem criar identificação e afinidades a fim de instaurar novas gramáticas morais.

JBR	Ativismo digital materno e feminismo interseccional: uma análise da plataforma de mídia independente “Cientista Que Virou Mãe”	Netnografia	Compreender o ativismo digital materno a partir da análise de um blog que passou a operar como uma plataforma de mídia independente: o Cientista Que Virou Mãe (CQVM)	Trouxe à tona as vozes das mulheres e mães negras.
	Respeita as mina! Análise discursiva sobre os desdobramentos da crônica “A estagiária/O primeiro dia de trabalho de Melissinha” do Correio Braziliense	Análise de discurso	Discutir a produção da desigualdade de gênero pelo jornalismo, tanto na produção de conteúdo como nas estruturas de trabalho das empresas de mídia, e o processo público de denúncia desse fenômeno nas redes sociais.	O caso pode ser compreendido como inserido em um processo de feminização que empreendeu batalhas discursivas de combate à discriminação de gênero contra estagiárias de jornalismo ou contra mulheres jornalistas profissionais.
	Minas de luta na mídia: Enquadramentos e Percepções das Ocupações Escolares em São Paulo	Análise de conteúdo	Confrontar as imagens das estudantes secundaristas que participaram do movimento de ocupação das escolas públicas de São Paulo, na imprensa de grande circulação e na mídia alternativa, com as percepções das próprias secundaristas	Os fatos dessas jovens aparecem poucas vezes como fontes diretas de informação, mas figurarem nas matérias de forma relevante, por meio de fotos e menções bastante expressivas. Isso acontece sobretudo no veículo independente e principalmente em casos de repressão policial envolvendo estudantes negras.

Fonte: Elaboração própria.

IV. Comunicação e relações de Gênero

Os artigos que foram classificados como Comunicação e relações de gênero apresentaram temáticas abrangentes envolvendo a fotografia, música, TICs e desigualdades de gênero no mercado de trabalho jornalístico.

Foram identificados um artigo relacionado a fotografia - As mulheres do Islã: o papel da fotografia jornalística na (re) produção do tipo de personagem - Caetano (2006) analisou e interpretou as fotografias das mulheres islâmicas na imprensa brasileira. Segundo ela a imagem das mulheres muçulmanas em vários artigos apareceu metaforicamente como uma fonte de evocação de uma cultura caracterizada por restrições de comportamento e valores que nos parecem estranhos, aparentemente personificados na figura solitária e anônima ou na multidão ordenada de mulheres cobertas pelo véu.

Como principais achados, também foi identificado dois artigos que analisam as práticas de mulheres em relação às Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs). Intitulado como - Mulheres rurais e seus usos mediados das TICs: tensionamentos e permanências nas relações de gênero – as autoras (ESCOSTEGUY; SIFUENTES; BIANCHINI, 2017) dizem sobre a necessidade de reconhecer o predomínio das permanências nas relações de gênero quando observados os hábitos, rotinas e usos das TICs das mulheres rurais:

As TICs, no meio rural estudado, representam para as mulheres, sobretudo, uma condição de integração familiar, o que exemplifica o entendimento de Tomlinson (apud MORLEY, 2008, p.156) do celular como “tecnologia do coração”: “instrumentos imperfeitos, mediante os quais as pessoas tratam de manter alguma segurança da localização cultural”. No caso das agricultoras entrevistadas, o telefone celular permite controlar as distâncias e os tempos daqueles que são próximos, mas que se encontram dispersos. Fica visível o papel assumido pelas mulheres como mantenedoras dos vínculos familiares, atribuindo, em quase sua totalidade, especial importância a esses meios para a comunicação com os familiares. (ESCOSTEGUY; SIFUENTES; BIANCHINI, 2017)

Já no artigo - Comunicação, migrações e gênero: famílias transnacionais, ativismos e usos de TICs – a autora (COGO, 2017) aborda a temática de gênero, migrações e o consumo e usos das TICs. Segundo a autora Cogo (2017) o crescimento da migração feminina no mundo não tem sido

suficiente, no âmbito das representações políticas, midiáticas ou acadêmicas, para um desconfinamento das mulheres imigrantes dos espaços vinculados ao trabalho doméstico, à chamada cadeia de cuidados ou à prostituição e ao tráfico de pessoas.

Existe a necessidade de que as práticas e pesquisas sobre migrações transnacionais, gênero e TICs operem para ampliar efetivamente a compreensão dessa inter-relação sem reduzir a ideia de gênero a mulheres ou à heteronormatividade e que, além disso, possam contemplar outras dimensões como a das masculinidades e a da transgeneridade. Ou seja, que proponham a abordagem do gênero como um princípio de organização social, de produção de desigualdade e de relações de poder e, nesse sentido, possam amplificar também a reflexão sobre experiências de migração e gênero que assumem um forte caráter público e político, como é o caso dos ativismos migratórios transnacionais que, assim como as famílias transnacionais, se desenvolvem fortemente configurados e mediados pelas TICs. (COGO, 2017)

Já no âmbito dos artigos relacionados a desigualdades de gênero no mercado de trabalho jornalístico, foram encontrados três artigos. O primeiro intitulado como - O discurso das mulheres fotojornalistas: desequilíbrio entre trabalho remunerado e maternidade como apelo profissional – as autoras (SILVA E GONÇALVES, 2018) analisaram como as mulheres fotojornalistas percebem a maternidade dentro da profissão na contemporaneidade.

Segundo Silva e Gonçalves (2018) A naturalização da dupla jornada está presente no discurso das fotojornalistas que são mães evidenciando a dificuldade em dividir as responsabilidades de criação e cuidado dos filhos com seus companheiros, uma vez que eles não são citados na partilha das incumbências que recaem ainda com maior peso sobre as mulheres. No discurso presente, quem auxilia com os cuidados dos filhos são as empregadas, avós, irmãs, por exemplo.

As relações de trabalho na fotojornalismo apontam a influência dos papéis atribuídos aos gêneros sobre a construção histórica do estereótipo da atividade como reflexo das características masculinas, como virilidade e objetividade, em consonância ao reconhecimento social da imprensa como instância de mediação do âmbito público. Nesse contexto, as mulheres, historicamente vinculadas ao âmbito doméstico e reprodutivo, encontram no estereótipo barreiras simbólicas de desestímulo para a permanência na atividade, uma vez que ela se mostra condicionada à exigência de um desequilíbrio de

dedicação direcionado ao trabalho com vistas a alcançar autonomia financeira e reconhecimento. (SILVA E GONÇALVES, 2018)

No segundo artigo - Desigualdades estruturais de gênero no trabalho jornalístico: o perfil das jornalistas brasileiras - (Ponte, 2017) analisou comparativamente as informações sobre homens e mulheres que trabalhavam na mídia no ano de 2012. Segundo Ponte (2017) as mulheres ganham menos que os homens em todas as faixas etárias e funções. Ainda têm menos acesso a benefícios e não gozam da mesma recompensa no mesmo cargo e/ou empresa que seus colegas homens, o que demonstra desigualdades estruturais de gênero presentes no trabalho jornalístico brasileiro.

Dos jornalistas que trabalham na mídia, 59,6% são mulheres e 40,4% homens. A maioria dessa profissão é jovem, e mais de 70% das mulheres estão neste estrato, o que se reflete na renda dessas jornalistas. Os dados afirmam, contudo, que as mulheres recebem salário inferior aos homens em todas as faixas etárias, o que demonstra um problema estrutural de gênero que se soma ao da juvenilização. A pesquisa também afirma que a maioria dos e das jornalistas é branca. Os jornalistas pardos recebem menos que os colegas brancos, e os jornalistas pretos, menos que os brancos e os pardos. Além disso, as mulheres brancas têm salários inferiores aos homens brancos, as mulheres pardas recebem menos que os homens pardos e as pretas, menos que os pretos. As jornalistas pretas são as que recebem as piores remunerações. Os dados apontam que a categoria precisa enfrentar as desigualdades de gênero e de raça. (Ponte, 2017)

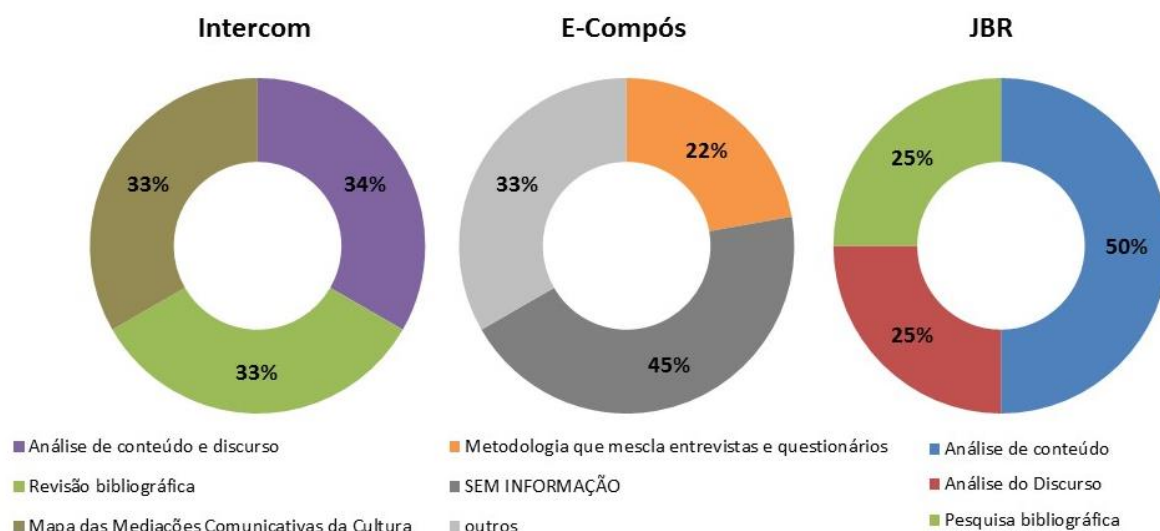
No terceiro artigo - O mundo do trabalho das jornalistas: feminismo e discriminação profissional – a autora (FIGARO, 2018) abordou as lutas mais específicas das mulheres jornalistas por seus direitos no mundo do trabalho e a luta mais geral das mulheres trabalhadoras ao longo da história.

A mulher jornalista também sofre a discriminação e a dominação no trabalho, tal qual a maioria das mulheres no mundo. Os estudos feministas classistas apontam que essa realidade só pode ser superada de maneira a compreender-se a complementaridade da luta das mulheres com as lutas mais gerais por igualdade e emancipação. E, nesse sentido, o conceito de feminismo interseccional contribui para a compreensão de como o tema do

gênero é interseccionado pelas questões de classe e raça/etnia. As pesquisas mostram que as jornalistas, no Brasil e no mundo, são a maioria dessa categoria profissional e a discriminação de gênero aparece no jornalismo na forma da redução salarial, da sobreposição de tarefas, na precarização do trabalho e, ainda, nas formas de assédio moral e sexual. (FIGARO, 2018)

Os métodos utilizados nos artigos classificados com a temática comunicação e relações de gênero foram variados, verificou-se que 4 (25%) artigos não foi possível identificar o método, a análise conteúdo foi abordada em 3 (18,75%) e a análise de discurso em 3 (20%) dos artigos. Quanto ao método utilizado por revista verificou-se que na *Intercom* 1 (33,3%) dos seus três artigos utilizaram o método de análise de conteúdo e discurso. Na *E-Compós* 4 (45%) dos seus artigos não foi possível identificar o método e 2 (22%) a metodologia mescla entrevista e questionário. Enquanto, na *JBR* 2 (50%) foi por análise de conteúdo (Gráfico 8 e Quadro 6). Esses resultados ressaltam mais uma vez a importância anteriormente citada do método de análise de conteúdo e discurso para a comunicação, sendo dois métodos utilizado em uma abordagem ampla. Além disso, verificou-se a fragilidades na descrição, de modo claro, dos métodos utilizados nos artigos publicados na revista *E-Compós*.

Gráfico 9 Métodos abordados nos artigos classificados com a temática comunicação e relações de gênero por revista.



Fonte: Elaboração própria.

Quadro 6 Temática, o método, objetivo e principais resultados dos trabalhos classificados como Comunicação e relações de Gênero.

Revista	Título	Metodologia	Objetivo	Principais Resultados
Intercom	Meninas, meninos e suas políticas- ideias e práticas midiáticas da Fundação Casa Grande	Análise de conteúdo e discurso	Observar estas práticas por meio dos conceitos de minoria e política de amizade, objetivando entender como elas se configuram como política cultural.	Distinção entre o instituído, representado pela instituição do terceiro setor, e a criação de linhas de fuga por parte dos jovens que não se deixam modelar, mesmo com todas as normas e disciplinas.
	Comunicação, migrações e gênero: famílias transnacionais, ativismos e usos de TICs	Revisão bibliográfica	Situar e discutir dois eixos das pesquisas que focalizam gênero, migrações, consumo e usos de Tecnologias da Comunicação e Informação (TICs).	Crescimento da migração feminina no mundo não tem sido suficiente, no âmbito das representações políticas, midiáticas ou acadêmicas.
	Mulheres rurais e seus usos mediados das TICs: tensionamentos e permanências nas relações de gênero	Mapa das Mediações Comunicativas da Cultura	Analisar as práticas cotidianas de mulheres agricultoras em relação às Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs).	É necessário reconhecer o predomínio das permanências nas relações de gênero quando observados os hábitos, rotinas e usos das TICs dessas mulheres.
E-compós	Publicidade, imaginário e consumo: anúncios no cotidiano feminino	Metodologia que mescla entrevistas e grupos de discussão	Observar os relatos de mulheres adultas sobre seu imaginário, suas práticas de consumo e especialmente sua relação com a publicidade.	Resultados explicitam condicionantes ligados à renda e a escolaridade.
	A influência dos meios de comunicação na representação social da violência de gênero contra as mulheres e as meninas	Metodologia que mescla entrevistas e questionários	Analisar a influência da mídia na representação social da violência contra a mulher.	Os meios de comunicação não são os que originam ou detonam a violência contra as mulheres, mas têm uma responsabilidade central porque, ao refletir atitudes e valores congruentes com o discurso androcêntrico, reforçam os comportamentos da estrutura social.
	Sobre jornalismo e homofobia ou: pensa que é fácil falar?	Sem informação	Apresentar discussões iniciais que forneçam condições para que as relações entre jornalismo e homofobia.	O modo como as mídias narram a homofobia faz ver não só as tensões que as permeiam e aquelas da vida afetiva e sexual, mas também o(s) seu (s) modo (s) de saber o mundo e o leitor.
	As relações de classe e gênero no contexto de práticas orientadas pela mídia: apontamentos teóricos	Sem informação	Apresentar uma discussão teórica sobre: a) o entrecruzamento das categorias posição de classe e gênero e b) a singularidade dos estudos sobre identidade em relação	A pesquisa almeja estar situada no campo dos estudos de práticas orientadas pela mídia.

			aos estudos de recepção e de consumo midiático.	
	“Señora de las cuatro décadas”: un estudio sobre el vínculo entre música, mujeres y edad	Sem informação	Investigar o papel da música na configuração de feminilidades contemporâneas e, especificamente, estudar a idade e as clivagens geracionais que informam essa ligação.	A música é um recurso estético da agência que permite a erosão das expectativas de idade e gênero para mulheres de meia-idade.
	Consumo midiático da beleza feminina e o sonho de ser modelo profissional	Metodologia que mescla entrevistas e questionários	Discutir como o consumo midiático do universo dos modelos profissionais pode estar relacionado com o desejo de garotas em seguir essa profissão.	A mídia age como propulsora do sonho desde a fase infantil e opera mais na transmissão dos ideais de fama, glamour e projeção social do que no regramento da aparência destas jovens.
	As sedutoras da camiseta: mito, conflito e imaginário em jogo	Pesquisa bibliográfica e documental	Investigar a produção de sentidos sobre o corpo feminino a partir de um imaginário de gênero posto em evidência por meios de comunicação.	Ainda que o sentido simbólico veiculado pela imagem não seja inequívoco, ele é portador de conteúdo. As representações do corpo feminino integram um vasto acervo de mitos, de narrativas de viagens e de publicidade – um museu de imagens.
	Desigualdades estruturais de gênero no trabalho jornalístico: o perfil das jornalistas brasileiras	Pesquisa online survey	Analisar comparativamente as informações sobre homens e mulheres que trabalhavam na mídia em 2012.	As mulheres ganham menos que os homens em todas as faixas etárias e funções. Ainda têm menos acesso a benefícios e não gozam da mesma recompensa no mesmo cargo e/ou empresa que seus colegas homens, o que demonstra desigualdades estruturais de gênero presentes no trabalho jornalístico brasileiro.
	K.O.: O nocaute remix da drag Pablo Vittar	Sem informação	Discutir as políticas de visibilidade e da estética ativista articulada pela drag brasileira Pablo Vittar, apontando como chave de leitura o entrelace entre subjetividade e cultura remix.	Pós-periférica, a cantora transita pelos entremeios e interstícios de urbanidades e tecnicidades.
JBR	As mulheres do Islã: o papel da fotografia jornalística na (re) produção do tipo de personagem	Análise de conteúdo	Interpretar as fotografias das mulheres islâmicas na imprensa brasileira.	A imagem da mulher muçulmana em vários artigos aparece metaforicamente como uma fonte de evocação de uma cultura caracterizada por restrições de comportamento e valores que nos parecem estranhos.

	Gênero e mídia: uma autópsia do jornalismo feminino no Burkina Faso	Análise de conteúdo	Verificar a existência, nas redações das mídias burquinenses, editoriais, tarefas e temáticas preconcebidas como femininas.	A mulher jornalista encontra-se pouco representada nos veículos de mídia e que os estereótipos de gênero são resultado de diversas formas de crenças, de pré-julgamentos.
	O discurso das mulheres fotojornalistas: desequilíbrio entre trabalho remunerado e maternidade como apelo profissional	Análise do Discurso	Compreender como as mulheres fotojornalistas percebem a maternidade dentro da profissão na contemporaneidade.	A naturalização da dupla jornada está presente no discurso das fotojornalistas que são mães.
	O mundo do trabalho das jornalistas: feminismo e discriminação profissional	Pesquisa bibliográfica	Abordar as lutas mais específicas das mulheres jornalistas por seus direitos no mundo do trabalho e a luta mais geral das mulheres trabalhadoras ao longo da história.	Destaca-se a luta feminista e sua importância para a coletividade, o engajamento das profissionais em defesa do jornalismo de qualidade.

Fonte: Elaboração própria.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados obtidos com o levantamento do estado da arte dos últimos 18 anos, apontam a importância de se pensar a comunicação numa perspectiva de gênero. Com essa pesquisa, foi possível identificar o marco histórico da ascensão, mesmo que pequena, da temática de Comunicação e estudos de Gênero desde o início do século XXI.

Foi evidenciado que, do total de 1.327 artigos publicados pelas três das mais importantes revistas científicas brasileiras: Revista da *Intercom*, *E-Compós* e *Brazilian Journalism Research*, apenas 58 (4,37%) artigos abordavam a temática de Comunicação e relações de Gênero. As três revistas abordaram a temática de gênero proporcionalmente de maneira similar.

Os resultados da pesquisa também mostraram que as instituições brasileiras mais citadas pelos autores e autoras foram aquelas situadas nas regiões Sudeste, Sul e Centro Oeste, respectivamente. Nesse sentido, evidencia a necessidade de investimentos em pesquisas científicas principalmente nas regiões Norte e Nordeste do País. Além disso, observou-se que as Universidades públicas brasileiras estão mais presentes nos artigos publicados com a temática.

A maior parte dos artigos com temática de gênero, nas três revistas, optaram por utilizar em seus métodos a análise de discurso e análise de conteúdo, evidenciado a carência da exploração de outras metodologias na área de comunicação.

Quanto à distribuição da temática nas categorias de análise, verificou-se uma discreta predominância na abordagem de Mídia impressa e relações de Gênero. Percebe-se que mesmo com o surgimento das novas mídias, os estudos relacionados a impressa ainda são os mais utilizados. Nessa perspectiva, a revista *Intercom*, em comparação as outras, foi a que apresentou uma distribuição de publicações mais homogênea entre as quatro categorias.

Conclui-se que mesmo com a notória ascensão da temática de Comunicação e relações de Gênero nos últimos anos, as publicações de artigos científicos nas revistas científicas brasileiras ainda são incipientes. O estudo revela a necessidade de consolidar este Campo de Pesquisa no Brasil, seja por meio de criação de grupos de pesquisa, revistas especializadas, congressos ou programas de doutorado, mestrado e cursos de pós-graduação proporcionado um maior interesse na comunidade acadêmica, sobretudo em estudantes universitários de novas gerações.

Neste sentido, a Comunicação deve repensar as suas práticas e preencher essa lacuna na formação acadêmica nesta área de Comunicação e estudos de Gênero. É necessário também o comprometimento com uma comunicação proativa, humanizada e inclusiva em defesa dos direitos humanos, com ênfase nos direitos das mulheres.

6. REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ALLAN, Stuart. **O jornalismo e a cultura da alteridade**. SBPJor, n.2, v.2. 2014. Disponível em: <<http://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/viewFile/748/568>> Acesso em: set. 2018.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70. 2011.

BARBOSA, G; VARÃO, R. **Erro, dúvida e jornalismo generificado: um olhar sobre a cobertura de estupro a partir da reportagem “A rape on campus”** Brazilian Journalism Research. Brasília, DF, Vol. 14 - n. 1, abr. 2018.

BURGER, Ednéia. **Metodologia de pesquisa em ciências humanas e sociais: história de vida como estratégia e história oral como técnica – algumas reflexões**. PUC-SP, out. 2013.

CÁNEPA, L. **Filmes brasileiros de mulheres paranóicas: as segundas mulheres e o horror no cinema brasileiro**. E-compós, Brasília, v.14, n.1, abr. 2011.

CARDOSO, F.; ROCHA, L.; LIMA, Q. **Direitos reprodutivos e jornalismo: o caso da Primavera das Mulheres brasileiras**. SBPJor / Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo. Brasília DF, Vol. 14, n 1, abr. 2018.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. Vol. II. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2013.

CAETANO, K. **As mulheres do Islã: o papel da fotografia jornalística na (re) produção do tipo de personagem**. Brazilian Journalism Research , Brasília -DF - Vol. 2, n. 1, 2006.

COGO, D. **Comunicação, migrações e gênero: famílias transnacionais, ativismos e usos de TICs**. Intercom, São Paulo, v.40, n.1, p.177-193, abr. 2017.

CPDOC-FGV. Movimento feminista (verbete). Recuperado de www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/movimento-feminista. Acesso em: jan. 2019.

CHANTER, Tina. **Gênero: conceitos-chave em filosofia**. Porto Alegre. Artmed, 2011.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**; tradução Magda Lopes. 3 ed. Porto Alegre. ARTMED, 2010.

ESCOSTEGUY, D; SIFUENTES, L; BIANCHINI, A. **Mulheres rurais e seus usos mediados das TICs: tensionamentos e permanências nas relações de gênero**. Intercom, São Paulo, v.40, n.1, p.195-211, abr. 2017.

FERREIRA, Sandra. **As pesquisas denominadas “estado da arte”**. Educação & Sociedade, ano XXIII, n. 79, 2002.

FERREIRA, C. **Matriarcas negras em “Tenda dos Milagres” (1977): uma análise da interseção entre gênero e raça no cinema brasileiro.** E-compós, Brasília, v.17, n.2, ago. 2014.

FIGARO, R. **O MUNDO DO TRABALHO DAS JORNALISTAS: feminismo e discriminação profissional.** Brazilian Journalism Research, Brasília –DF, Vol. 14, n. 2, ago. 2018.

FISCHER, S; NASCIMENTO, C. **A favorita, entre o dramalhão e o lúdico Experimentos na representação de gêneros, ousadia no retrato das relações familiares e descaso do verossímil.** E-compós, Brasília, v.12, n.3, dez. 2009.

GALLEGO AYALA, Juana. **"Produção informativa e transmissão de estereótipos de gênero na imprensa diária."** Comunicação e sociedade. 2003, vol. XVI, não. 2, p.49-66.

GUAZINA et al, **Respeita as mina! Análise discursiva sobre os desdobramentos da crônica “A estagiária/O primeiro dia de trabalho de Melissinha.”** Correio Braziliense, 2018.

GOMES, R. **DISPUTA ENTRE DISCURSOS: jornalismo e a violência contra as mulheres.** Brazilian Journalism Research. Brasília DF, Vol. 14, n. 3, dez. 2018.

GOMES, Patrícia; DINIZ, Debora; SANTOS, Maria Helena; Rosália, Diogo. **Feminismo: modos de ver e mover-se, O que é feminismo?** Lisboa: Escolar Editora, 2015 b. p. 47-60.

GRAY, Ann. **Learning from Experience. In: McGUIGAN, Jim (Org.). Cultural Methodologies.** London: Sage Publications, 1997. p.87-105.

GREGOLIN, Maria do Rosário. **Análise do discurso e mídia: a (re)produção de identidades.** In: Comunicação, Mídia e Consumo, São Paulo, Vol. 4, n. 11, nov. 2007.

LAGO, M; UZIEL, A. P. **Intersecções: Psicologia e Estudos de Gênero na Revista Estudos Feministas (2003-2014).** Labrys, v. 26, p. 1-10, 2014.

LUGONES, María. **Colonialidad y Género.** Bogotá - Colombia, dez, 2008.

LUZ, H; GICO, V. **Blogs como canais alternativos de comunicação para o renascimento do parto.** Intercom, são paulo, v.39, n.2, p.147-160, ago. 2016.

MAINGUENEAU, D. **Gênese dos discursos.** São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARADEI, A; SANTOS, M. **Violência contra as mulheres: o caso do estupro coletivo na esfera pública digital** Intercom, São Paulo, v.40, n.2, p.143-168, ago. 2017.

MARTINEZ M. Et al. **Relações de gênero e estudos em jornalismo: mapeamento dos trabalhos apresentados na Intercom (1977-2017)** Universidade de Sorocaba, Sorocaba, SP 2018.

MARTINEZ M. Et al. **Estudos de gênero na pesquisa em jornalismo no Brasil: uma tênue relação**. Brazilian journalism research: a fragile relationship. 2016.

MATOS, Marlise. **A Quarta onda feminista e o Campo crítico-emancipatório das diferenças no Brasil: entre a destradicionalização social e o neoconservadorismo político**. Caxambu. Out. 2014.

MARINESCU, V. **Media coverage of “grassroots” violence against women: a comparative analysis for Romania and Canada**. Brazilian Journalism Research. Brasília, DF, Vol. 4, n 1, 2008.

MEDRADO, A; MULLER, P. **Ativismo digital materno e feminismo interseccional: uma análise da plataforma de mídia independente “Cientista Que Virou Mãe”**. Brazilian Journalism Research, Brasília –DF, Vol. 14, N. 1, abr. 2018.

MIRANDA Cynthia. **Violência de gênero nos meios de comunicação: reflexões preliminares e desafios para superação**. Technopolitik, UNB. Brasília. 2017.

OLIVEIRA, M.S. et al. **Imprensa e saúde da mulher: a abordagem das revistas semanais brasileiras**. Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação. São Paulo, v.32, n.1, p. 109-128, jun. 2009.

PATRICIA GALVÃO-ONG. **Qual é o papel da imprensa?** Disponível em: <<http://www.agenciapatriciagalvao.org.br/dossies/feminicidio/capitulos/qual-o-papel-da-imprensa/>> Acesso em: jun. 2018.

PONTES, S. **Desigualdades estruturais de gênero no trabalho jornalístico: o perfil das jornalistas brasileiras**. E-compós, Brasília, v.20, n.1, abr. 2017.

REIS, Alane e COSTA, Naiara. **Feminicídio e Mídia: O Assassino Nunca é o Único que Mata**. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cachoeira, BA, out. 2018.

ROMANOWSKI, Joana Paulin; ENS, Romilda Teodora. **As pesquisas denominadas do tipo “estado da Arte” em educação**. In; Revista Diálogo Educacional, vol. 6, núm. 19. 2006.

RONSINI, M; SILVA, C. **Mulheres e telenovela: a recepção pela perspectiva das relações de gênero**. E-compós, Brasília, v.14, n.1, abr. 2011.

RONSINI et al. **Os sentidos das telenovelas nas trajetórias sociais de mulheres das classes populares**. E-compós, Brasília, v.20, n.1, abr. 2017.

SILVA, S. V. **Os estudos de gênero no Brasil: algumas considerações**. Biblio 3w: Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales, v. 5, n. 262, 2000. Disponível em: <<http://www.ub.edu/geocrit/b3w-262.htm>>. Acesso em: 05 jan. 2019.

SIMÕES, B. **O poder dos media de informação e as políticas públicas: a construção mediática do tráfico de mulheres para exploração sexual.** Brazilian Journalism Research. Brasília DF, Vol. 14, n. 1, abr. 2018.

SILVA, C; GONÇALVES, M. **Discurso das mulheres fotojornalistas: desequilíbrio entre trabalho remunerado e maternidade como apelo profissional.** Brazilian Journalism Research, Brasília –DF, Vol. 14, n. 1, abr. 2018.

SILVERMAN, David. **Interpretação de Dados Qualitativos: Métodos para Análise de Entrevistas,** Textos e Interações Grupo A. Artmed. 2009.

SOSTER, A. **O quarto narrador, a midiatização e as narrativas da violência** *The fourth narrator, the mediatization and the narratives of violence.* Intercom, São Paulo, v.40, n.1, p.41-58, abr. 2017.

VALENÇA, C.N.; FILHO, J.M.N.; GERMANO, R.M. **Mulher no climatério: reflexões sobre desejo sexual, beleza e feminilidade.** Saúde Soc. São Paulo, v.19, n.2, p.273-285, 2010.

VELEDA, Susana. **Os estudos de gênero no brasil: algumas considerações.** Universidad de Barcelona. 2000.